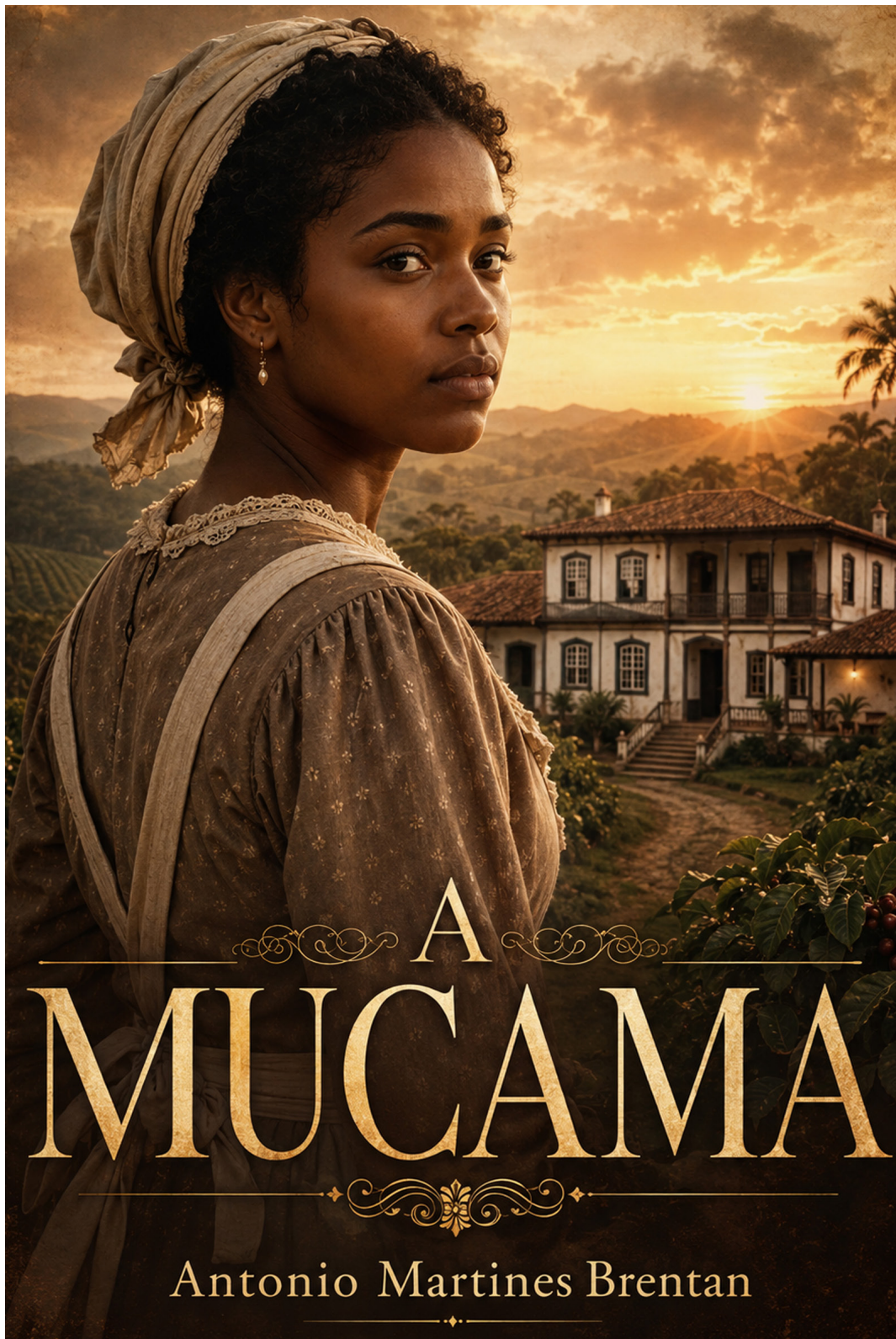




A
MUCAMA

Antonio Martines Brentan

DADOS BIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR:

Dezembro 2016 - O Tempo não apagou
Fevereiro 2018 - Veredas da Alma
Julho 2019 - Estranho Valores
Junho 2020 - A Vida, A Morte, e o Amor
Janeiro 2021 - Perdão e Recompensa
Janeiro 2022 - Caminho das Pedras
Janeiro 2022 - Onde se Esconde a Felicidade
Janeiro 2023 – Um Amor de Verdade
Janeiro 2023 – Conhecimento, nosso maior Tesouro
Janeiro 2023 – A força do amor
Janeiro 2024 – Romances no Agreste
Janeiro 2024 – De Volta ao Passado
Janeiro 2024 – Regeneração/ Uma Longa Página
da História de Oscar Julião
Janeiro 2024 – Um Estranho Amor de Mãe
Janeiro 2024 – Tempos Melhores Virão
Janeiro 2024 – Recomeçar, para ser feliz
Fevereiro 2024 – A frágil justiça dos homens
Março 2024 – Um lugar chamado Caprinos
Julho 2024 – Guiados pelas mãos do destino
Abril 2025 – Filhos, esses nossos desconhecidos
Abril 2025 – Coletânea de Prefácios e Introduções
Junho 2025 – O Caminho da Verdade
Agosto 2025 – Cortinas Sobre a Mente e o Passado
Setembro 2025 – Ira e o Índio Ari
Outubro 2025 – Vidas Cruzadas
Dezembro 2025 – Somos Apenas o que somos
Janeiro 2026 – Um cabra chamado Jeremias
Fevereiro 2026 – Síndrome dos Novos Tempos

A Mucama

escrito por

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Agosto de 2026

Primeira edição | Agosto de 2026

Copyright © 2026 *by*

Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2026] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão gramatical: Autor

Capa e composição: Marcos Ferreira

Revisão do Projeto: Zara Lúcia

. . .

Disponível online

<https://www.antoniomartinesbrentan.com.br>

A Mucama

escrito por

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Agosto de 2026

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Brentan, Antonio Martines

A mucama / Antonio Martines Brentan. – 1. ed. – São
Sebastião do Pontal, MG : [s.n.], 2026.

234 p. ; 14x21 cm.

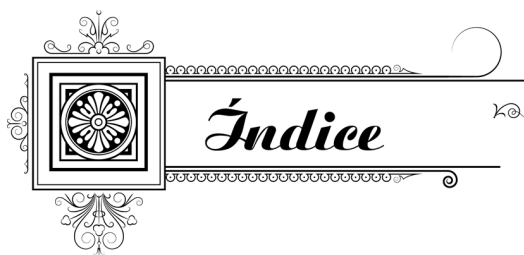
1. Romance brasileiro. 2. Romance histórico.
3. Escravidão – Brasil – Ficção. 4. Relações raciais –
Brasil – Ficção. I. Título.

CDD 869.93

CDU 821.134.3(81)-31

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira – 869.93
2. Literatura brasileira : Romance histórico – 869.93



Índice

Dedicatória	9
Prefácio	11
Introdução.....	17
Nossas Origens	21
Os Primeiros Meses, na Fazenda Briosos	33
Rani, Determinada	39
Seguindo os Exemplos Paterno	47
Caminho Sem Volta	53
Visita a Casa Paterna	59
Dona Amélia Facilitando as Coisas	67
Mais Apaixonados.....	73
A Cumplicidade de Vani	77
O Ano Novo, Promete Muitas Revelações	83
Revelações Íntimas de Dona Amélia	93

Um Imprevisto com Dona Amélia	99
A Enfermidade de Dona Amélia	107
Início de Ano Complicado	115
A Visita de um Mensageiro	123
As Dificuldades de Cada Época	129
Dos Males, o Menor	137
O Ciúme de Sr. Altamiro	147
Uma Aliada Indiscreta	153
Um Relacionamento Sériio.....	165
Proposta Atrevida.....	171
Recuperação Parcial, da Voz de Dona Amélia	179
A Coragem de uma Mucama.....	185
Para Tudo Há Solução.....	193
A Lei do Ventre Livre	199
A Morte de Dona Amélia	209
O Direito de Ser Livre.....	215
Mais um Presente Paterno	221
Epílogo.....	227

Dedicatória

DEDICO esse meu singelo romance, a todos aqueles que em alguns momentos de suas vidas, se sentiram excluídos e marginalizados, oprimidos pelas circunstâncias, pelo abandono e pelas indiferenças, daqueles a quem depositamos nossas melhores considerações e apreços.



Prefácio

Não obstante o contido em a Gênesis 1.26, onde está escrito, “Fomos todos criados a imagem e semelhança de Deus”. Isso significa que perante Deus, somos indistintamente todos iguais. Em Mateus 7.12, está escrito, “Portanto tudo que vos quereis que os homens vos façam, fazem também vós, porque essa é a Lei e os Profetas”.

Em O Livro dos Espíritos, pergunta 803, a equipe de Alan Kardec, perguntou aos Espíritos: Perante Deus, são iguais todos os homens?

Os Espíritos responderam: “Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez suas leis para todos. Dizeis frequentemente. O sol luz para todos, e anunciais assim uma verdade maior e mais geral do que pensais”

Como já dissemos algumas vezes, e ora repetimos: O homem conhece as leis de Deus, quando dizemos homem, estamos nos referindo a criatura humana indistintamente, elas estão gravadas em todas as consciências, mas a rigor, não são observadas, nem praticadas, como deveriam, nem acreditamos que seremos punidos por desobedece-las. Entendemos que aí reside, toda dificuldade do homem para se elevar espiritualmente, toda vez que infringimos Suas Leis, temos que nos redirmos perante a mesma. Seria mais ou menos assim: A presente existência, resgatando nossas infrações de existências anteriores. A existência futura, resgataremos as infrações que estamos cometendo no presente, e assim sucessivamente.

Em O Livro dos Espíritos, pergunta 829: Haverá homens que estejam, por natureza, destinados a ser propriedades de outros homens?

Os Espíritos responderam: “É contrária a lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro. A escravidão é um abuso da força. Desaparecerá com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos”.

Faz-se oportuno registrar, que a primeira edição do Livro dos Espíritos, ocorreu no dia 18 de abril de 1857, quando a escravidão do homem negro, procedente do continente africano era uma realidade, no Brasil, e em muitos outros países do mundo, sem perspectiva de que desapareceria em poucas décadas. Não obstante a sociedade atual, ser organizada de forma hierárquica, ainda encontramos resquícios de velhas práticas, que a muito deveriam terem desaparecidos, como a exploração abusiva do ser humano, das mais variadas formas, e tantas outras práticas, que emperram o progresso moral do homem. Mas sabemos que no futuro, talvez não muito distante desaparecerão, à exemplo de tantas práticas malfazejas que desapareceram dos costumes, e da vida do homem. E tantas injustiças deixaram de ser praticadas.

Achamos oportuno ratificar nossa opinião, considerando o atual estágio de desenvolvimento da humanidade, principalmente dos países de primeiro mundo, as guerras entre essas nações desenvolvidas, talvez sejam o ato mais inconcebível, que a prepotência desses supostos donos do poder, ainda se acham no direito de deflagrar, consumindo cifras astronômicas, do erário público, em detrimento a grande população impotente, que sofre as consequências físicas, morais e materiais de suas ingerências e insanidades.

Outra instituição que estivera sempre em permanente conflito, as relações conjugais. No passado, a mulher de maneira mais acentuada, era submissa e dependente, admitia e até colaborava, para que o marido mantivesse relacionamentos extra conjugais, devido sua condição subalterna, oprimida pela sua formação moral e educacional. Com o passar dos tempos, com a profissionalização e liberação feminina, os valores e as oportunidades de trabalho e direitos, foram tornando mais igualitários e equivalentes, com a aprovação do divórcio na maioria dos países, as separações conjugais tor-

nou-se acontecimento recorrente, presente quase que em todas as famílias.

Faz-se oportuno registrar que a poligamia ainda está presente em vários países do mundo, principalmente do continente africano, e do oriente médio. Significa que esses povos se encontram em contradição com os preceitos das leis naturais. Inconscientemente estão infringindo as Leis Divinas, mesmo com a chancela de suas religiões, tornara nesses países, uma questão de tradição, sem levar em conta que responderão por esse ato, que a muito tempo foi reconhecido como ante natural, e condenável, abolido pelas leis civis dos homens moralmente mais evoluídos. Não obstante a poligamia ter existido na cultura dos povos indígenas brasileiros, e ainda é praticada por algumas tribos indígenas no Brasil. Nos povos civilizados a bigamia é tratada como crime civil, sujeito as penalidades pertinentes.

Quando tivemos oportunidade de dizer várias vezes, que nosso mundo está em constante processo evolutivo, não estava nos referindo apenas nos desenvolvimentos materiais e tecnológicos, mas

principalmente nas evoluções das consciências, que nada mais é a evolução do espírito humano, à medida que as gerações vão se sucedendo, a população vai evoluindo moralmente, as leis humanas se aperfeiçoam, tornando menos protecionistas e tendenciosas, os abusos são combatidos, e acabam desaparecendo, a vida em sociedade se torna menos injusta, as pessoas passam se respeitarem mais reciprocamente, conseqüentemente a qualidade de vida das pessoas vão melhorando.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 25/04/2026.

Introdução

Procuramos localizar nosso presente romance, na segunda metade do século XIX, quando a consciência humana adquiria o discernimento de por fim, em uma das práticas mais hediondas e desumanas, cometidas pelo ser humano contra seu semelhante. A escravidão do homem pelo homem. Em nossa concepção, a página mais sombria da história da humanidade, estava sendo virada, depois de muitos séculos em atividade. O movimento abolicionista teria iniciado nos países mais civilizados, grada-

tivamente fora se espalhando, como um processo necessário irreversível, chegando ao Brasil na segunda metade do século XIX, deixando graves sequelas sociais, para esses libertos, que de repente se viram livres, sem saber o que fazer de suas vidas, e com suas liberdades, estavam despreparados para serem livres, pelo fato de terem ficado literalmente desamparados, pelo poder público e pela sociedade que os explorou, durante séculos sucessíveis, e ficaram entregues à própria sorte, juntamente com sua prole, com reflexos negativos para sua descendência, que de certa forma perdura até os dias atuais. Admitamos ou não, os afros brasileiros sofrem até hoje, as consequências dos séculos de cativeiro impostos pelo homem branco a seus ancestrais.

Nosso romance tentará retratar um fato abusivo, que ocorria mais do que se podia imaginar, entre feitores e senhores de escravos brancos, de origem europeia, com mulheres negras escravas, de origem africana, gerando filhos mulatos, que geralmente, salvo raras exceções, não eram reconhecidos pelo pai, e continuavam como escravos, e eram comercializados livremente. A exemplo das meias irmãs

mucamas Rani e Vani, personagens de nosso romance, que teriam sido adquiridas quando crianças, em um mercado clandestino de escravos.

Achamos oportuno esclarecer que a população brasileira, é produto de uma miscigenação bastante complexa, que teria iniciado com a chegada dos portugueses, no início do século XVI, após o descobrimento do Brasil, encontrando aqui, imensa população de índios nativos, de diversas etnias, inevitavelmente essas duas raças viriam se misturar, dando origem a uma nova raça, que ficaria conhecida como, mamelucos ou caboclos, mais tarde com a chegada dos africanos, de imigrantes europeus de diversos países, de orientais ou asiáticos, de várias regiões. Todos esses povos foram se misturando, ao longo do tempo sem nenhuma restrição, resultando numa população com características físicas e biológicas bem diversificadas.

Rani e Vani eram fisicamente, o protótipo da mulher brasileira, o resultado da união entre a raça branca e a negra, duas mulatas muito bonitas, que foram adquiridas quando meninas, na condição de escravas, mas receberam da esposa do Coronel

Gastão seu proprietário, treinamento para serem mucamas, quando se tornassem adultas. Mas ainda jovens, foram dadas como presente à nora, e foram morar em uma outra localidade.

Nesse novo local, por força das circunstâncias, Rani a mais velha, começa ser assediada e passa ter um caso amoroso com seu patrão, que era seu proprietário, a partir de então, tentaremos dar vida a essa história, não como um caso qualquer, sem importância, mas como uma relação de respeito e amor verdadeiro. Que de certa forma, neutralizaria as desigualdades, entre as posições de um Senhor branco e rico, e uma mulher Escrava, por força da sinceridade do sentimento, que uniria esses dois seres, provando que nenhuma diferença humana existia entre eles.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 08/05/2026.

Nossas Origens

O século XIX, aqui compreendido o período de 01 de janeiro de 1801 a 31 de dezembro de 1900, considerado um dos mais longos da história, motivado por acontecimentos e embates relevantes, estava apenas preparando o cenário para as mudanças previstas ao século vindouro. Que seria sacudido literalmente, por conflitos de magnitudes nunca antes vivenciados, entre outros, as duas grandes guerras mundiais, que envolveriam direta ou indiretamente, a vida da população do planeta. Nossa intenção, não é dis-

correr sobre esses acontecimentos históricos, que de certa forma redirecionaram o futuro da humanidade do planeta. Não por consideramos esse assunto sem relevância, mas pelo fato de considerarmos despreparados, para retrata-lo com a legitimidade, as razões porque teriam sido desencadeados e deflagrados, levando precocemente à morte, milhões de seres humanos.

A razão de fazermos essa singela observação, seria para justificar e ilustrar, o cenário onde pretendemos desenrolar nosso novo romance, que procurará retratar mais uma história de amor, como todos sabem, de natureza fictícia, que resolvemos localiza-la na escala do tempo, na segunda metade do século XIX, nossa história teria se iniciado, por volta do ano de 1870, em território brasileiro, quando nosso país, apesar de ter conquistado sua Independência, a quase meio século, vivia sob regime monárquico, e o governo descendia da família real portuguesa.

Como já deixamos bem claro nossa opinião, sobre a prática da escravidão de maneira geral, particularmente sobre a escravidão no Brasil, que

consideramos a página mais negra de nossa história, que teria durado aproximadamente trezentos e cinquenta anos, (1535 a 1888), sendo o Brasil, o último país a abolir a escravidão nas Américas. Para se ter uma ideia desse tempo decorrido. Segundo Gênesis 15.13 e Êxodo 12.40, a escravidão do povo hebreu no Egito, teria durado quatrocentos anos, tempo esse que fora possível formar, a população de uma nação, o povo hebreu.

Nossa história se inicia quando Sr. Altamiro de Miranda, que tinha à época trinta e cinco anos de idade, casado com Dona Amélia, com trinta e três anos, vieram ocupar a Fazenda Briososo, que recebera como presente do pai. Trouxeram com eles os três filhos, Anastácio com dez anos, Anita com oito anos, e Suelen com seis anos, uma moça branca chamada Avelina, contratada como professora, para ensinar aos filhos. Ainda como presente do pai, trouxeram duas jovens mucamas escravas, que apesar de consideradas irmãs, deduzimos que eram filhas de pais diferentes, mas ambos de origem branca. Rani a mais velha, deveria ter dezoito anos, muito bonita, diferente de Vani, que teria à época

dezesseis anos, por ser mais baixa e mais magra, apesar de ser também bonita, não possuía os mesmos atrativos da meia irmã mais velha. Trouxe também como presente do pai, três escravos adultos, Jackson, Honório e o mais jovem que se chamava Oton.

Faz-se oportuno registrar que essas duas moças escravas, não eram propriamente negras, provavelmente filhas de uma escrava negra, que deveria ser muito bonita, e teria sido engravidada por um feitor branco, ou mesmo um Senhor de escravos, que não foram reconhecidas, levadas pelo seu Senhor até um mercado, e vendidas como escravas.

A Fazenda Briosos localizada na região hoje conhecida como Altinópolis, mas à época pertencia à vila de Batatais, localizada numa região conhecida como Alto Mogiana, devido à estrada de ferro, que viria cortar essa região no interior do Estado de São Paulo, promovendo seu desenvolvimento e progresso. Era uma propriedade de médio porte, suficiente para ali ser plantado e cultivado, algumas centenas de milhares de pés de café. Já havia começado ser desbravada pelo antigo proprietário, que construiu a casa sede, chamada casa grande, próxi-

mo fora construído um comprido galpão de tábuas, onde seria a senzala para abrigar aos escravos, e um galpão menor usado para guardar o carro de bois, e a charrete de passeio. Concomitante efetuara a derrubada de dezenas de hectares de matas, para se plantar café. Não se sabe o motivo, que o antigo proprietário, resolveu desfazer-se do imóvel, e se estabelecer em uma outra região do Estado, então foi adquirida pelo Coronel Gastão de Miranda, que possuía uma grande propriedade formada em café, na região mais próxima a Batatais, duas dezenas de quilômetros ao sul. Faz-se oportuno esclarecer, que Coronel Gastão nunca foi militar, a insígnia de Coronel, era uma espécie de título concedido pela população, aos homens arrojados e empreendedores, que não se omitiam enfrentar grandes desafios, e em pouco tempo, provar sua eficiência e capacidade, com isso obtinham reconhecimentos das pessoas, em consideração a coragem, ao caráter e também a sua condição econômica. Coronel Gastão tornou-se um fazendeiro bem sucedido e muito rico, deu o imóvel adquirido, como presente ao filho mais velho Sr. Altamiro.

Faz-se oportuno esclarecer que Coronel Gastão e sua esposa Dona Florinda, tiveram apenas três filhos, dois homens e uma mulher, sendo Altamiro o filho mais velho, abaixo dele Custódio, que estivera estudando na Capital, depois fora concluir seu curso de medicina na América, voltou e se estabeleceu como médico na Capital. A caçula Ana Clara, ensaiou seguir o exemplo do irmão, foi estudar na Capital, lá conheceu Fausto, filho de um empresário do ramo da industrial têxtil, que trabalhava com o pai, casou-se e abandonou os estudos.

Sr. Altamiro trouxe com ele, todo o dinheiro, produto de suas economias, durante seus mais de doze anos de casados, que morou e trabalhou na fazenda do pai. Sua primeira iniciativa foi adquirir no mercado de escravos, quinze homens e sete mulheres escravos, para os serviços de mão de obra, plantar café na área que fora derrubada. Contratou um feitor branco, chamado Sr. Messias, para orientar e controlar os escravos, nos trabalhos de plantação e manutenção da futura lavoura de café.

O primeiro trabalho a ser executado por esses escravos, foi limpar a área derrubada, que já havia

sido queimada, assim que o novo proprietário chegou à fazenda, por estar na época seca do ano, os resíduos de galhos e cipós que o fogo não consumiu, foram repicados à machado, amontoados em coivaras, para serem definitivamente queimados, para que o terreno ficasse mais ou menos limpo, para quando iniciasse a temporada chuvosa, plantar os pequenos recipientes, com as mudas, conhecidos como balainhos, feito com material degradável, contendo duas ou três mudas de café, que começariam produzir os primeiros frutos, a partir do terceiro ano.

Os quinze escravos, mais as sete escravas, trabalhavam o dia todo, todos os dias, exceto aos domingos, que era concedido para o descanso. No prazo de dois meses, toda área onde a mata fora derrubada, estava limpa, apta para receber os oitenta mil balainhos com mudas de pé de café, que o jovem fazendeiro já havia comprado, em viveiros da região. Essa quantidade de mudas, já se encontravam depositadas, em um espaço no quintal da casa, onde eram regadas todos os dias, esperando apenas que a terra ficasse devidamente molha-

da, para serem transportadas através de carro de bois, até o local onde seriam plantadas. Nesse início todos trabalhavam duro, Dona Amélia e as duas jovens mucamas, preparavam o almoço, e Sr. Altamiro de posse de uma carriola de madeira, espécie de carrinho de mão, com roda de pau, levava o almoço, e suprimento de água, até onde os trabalhadores, estavam trabalhando. Sr. Messias acompanhava os escravos, ajudando e orientando. Tinha ordem expressa do patrão, para nunca usar de violência, nem gritos ou insultos, com os escravos, qualquer tipo de desobediência ou insubordinação, deveria ser comunicado a ele, que tentaria resolver através do diálogo, e do entendimento, prática usada pelo pai em sua fazenda, com excelentes resultados.

Os três escravos que recebera de presente do pai, nesses primeiros tempos, se ocuparam construindo uma pequena colônia de casas menores, para serem ocupadas por famílias, que viessem morar na fazenda futuramente, assim que terminassem, Sr. Altamiro pretendia que os três, comesçassem construir enorme depósito para se guardar a produ-

ção de café futuramente, por serem muito eficientes nos trabalhos com madeira.

Um detalhe que fazemos questão esclarecer, assim como a professora, as duas mucamas supostamente meia irmãs, moravam no interior da casa grande, tinham um quarto exclusivo ocupado por elas, os três escravos carpinteiros, moravam em uma casa de tábuas, que fora construída por eles, próxima à casa grande. Os demais escravos moravam na senzala, que era dividida em duas alas privativas, protegidas por portas resistentes, a masculina e a feminina. O feitor morava com sua pequena família, em uma outra casa de tábuas, também recém construída.

Ao fundo do aglomerado de casas, existia uma pequena área de pastagens, que ia até o final do declive do terreno, onde passava um pequeno ribeirão, nessa pastagem haviam umas poucas vacas, que forneciam o leite, para consumo da casa, dois bois de carro, que puxavam o carroção da fazenda, dois cavalos. A casa do vizinho de fazenda mais próxima, ficava distante um quilômetro.

O lugar era bastante pacato, devido ser ainda uma região de matas, quando as primeiras fazendas

estavam começando ser abertas, mas já se ouviam rumores, que estava sendo construída uma estrada de ferro, pelos barões do café de toda região, para escoar suas produções até o Porto de Santos, que sem dúvida promoveria o desenvolvimento rápido de toda aquela região. Todo transporte terrestre nessa época era por tração animal. A Companhia Mogiana de estrada de ferro, colocariam as primeiras locomotivas sobre os trilhos, dois anos depois, em 1872. Para se ter uma ideia o automóvel só chegaria ao Brasil, duas décadas depois.

Não obstante a força de mão de obra do campo, nessa época ser produzida pelos escravos, capturados a força em território africano, trazidos para o Brasil, e vendidos para o trabalho, e os filhos desses escravos, automaticamente passavam ser propriedade desses senhores donos de escravos, a população de escravos crescia rapidamente. Os grandes fazendeiros procediam de imigrantes europeus abastados, que enxergaram o Brasil, depois de sua Independência, como excelente oportunidade de investimento. Alguns se fixavam nas cidades, como comerciantes, outros montavam suas peque-

nas indústrias. Outros iam para o campo, as terras abundantes, de ótima qualidade, e sobre tudo muito baratas, compravam terras, abriam fazendas, plantavam café para exportação, e promoviam os desenvolvimentos dos campos, das cidades e do Brasil. A partir de 1850 começaram chegar avanches de imigrantes de origem mais pobres, açoitados pelas dificuldades geradas por conflitos regionais, falta de trabalhos e epidemias que assolavam e dizimavam a população em território europeu, esses vieram para trabalhar, consequentemente produzir e progredir.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 20/04/2026.



Os Primeiros Meses, na Fazenda Bioso

Como nossos romances têm como objetivo principal, retratar os casos amorosos, que surgem na vida de nossos personagens, nessa nossa história revelaria um romance de certa forma atípico, aparentemente sem maiores consequências, mas que deixaria transparecer um fato, até muito comum na vida desses Senhores de escravos, com relação a suas escravas. Não obstante Dona Amélia ter tido três filhos, com seu marido Sr. Altamiro, depois de doze anos de casamento, ela inconscientemente foi se distanciando do marido,

por decisão própria, passou dormir em um quarto separado, alegando melhor comodidade.

A casa grande com sete dormitórios, o quarto principal continuava sendo ocupado por Sr. Altamiro, o quarto ao lado pela esposa Dona Amélia, do lado desse, o quarto das crianças. Na outra ala da casa, mais quatro dormitórios, um ocupado pela professora Dona Avelina, outro ocupado pelas meia irmãs Rani e Vani, os outros dois devidamente mobiliados, reservados as eventuais visitas. Muito raramente, Dona Amélia acordava à noite, e ia ao quarto do marido, mais raramente ainda, ele ia ao quarto da esposa.

Como dissemos, Rani a mais velha tinha à época dezoito anos, Vani com pouco mais de dezesseis, as duas moças escravas, faziam parte da equipe de mucamas, da casa grande, da fazenda de Coronel Gastão de Miranda, ambas eram mulatas, Rani mais encorpada, forte e saudável, e muito bonita, Vani mais franzina, menos bonita que Rani, ambas excelentes serviçais-domésticas. Nessa época Sr. Altamiro morava com a esposa na fazenda do pai, em uma casa pequena, Dona Amélia até então, nunca tivera mucamas para ajudar, nos serviços da casa, com a mudança

para Fazenda Bioso, a mãe de Sr. Altamiro, Dona Florinda, presenteou a nora, cedendo em caráter definitivo as duas mucamas, que passaram ser propriedades deles, devido ao tamanho da nova casa, e a trabalhadeira que certamente teriam, com a manutenção de escravos, para os serviços de formação de lavouras de café na fazenda. Permitiu a nora, que escolhesse, duas das suas seis mucamas, Dona Amélia optou em escolher as duas, por serem consideradas irmãs, e serem as mais jovens, segundo informações eram tão eficientes, como as outras quatro mais adultas, essas negras legítimas.

Como dissemos Rani e Vani se revelaram excelentes serviçais, levantavam todos os dias bem cedo, e davam início aos intermináveis trabalhos da casa. Assim que Sr. Altamiro ouvia barulho na cozinha, também se levantava, tomava café na companhia delas, café por elas preparado, e saía para dar ordens aos trabalhadores, que ao todo eram vinte e seis. O feitor Sr. Messias, os três que ganhara do pai, os quinze escravos e as sete escravas que havia adquirido.

Em pouco tempo todos da casa, estavam de pé, tomavam o café da manhã, Dona Amélia se juntava

as mucamas na execução dos trabalhos, Dona Avelina se isolava com as crianças em uma espécie de sala privativa, onde passava grande parte do dia, na faina de ensina-las, de tudo um pouco. Com intervalos para descanso e almoço.

Na senzala a rotina começava ainda mais cedo, todos levantavam, as mulheres se encarregavam preparar o café com leite, que era retirado todas as manhãs, e o excedente levado até a cozinha da casa grande. Depois de tomarem o café com leite, enchiam as cabaças com água, pegavam as ferramentas, acompanhados pelo feitor, antes das sete horas da manhã, todos estavam no trabalho. Mais tarde, por volta das dez horas, Sr. Altamiro chegava empurrando a carriola, trazendo o almoço.

Como dissemos a área desmatada, fora toda limpada, o solo estava devidamente molhado, iniciou-se a plantação das mudas de café. Enquanto uns marcavam as linhas, outros iam fazendo as covas, outros trazendo e plantando as mudas de café, na terra fresca e úmida. Enquanto todos almoçavam, Sr. Altamiro saía caminhando pela área plantada, verificando se o trabalho estava ficando

condizente com o que considerava correto. Às vezes fazia algumas observações, sempre diretamente ao feitor, que repassava aos trabalhadores. E dessa forma a área aos poucos ia se preenchendo das pequenas mudas de café, que em pouco tempo se transformariam em arvorezinhas, graças a fertilidade do solo, e a benevolência das chuvas.

Depois retornava à casa trazendo na carriola, os utensílios que havia levado, para que todos se servissem e almoçassem, para serem lavados, e serem utilizados no dia seguinte. Um dia ao chegar em casa, enquanto almoçava, Dona Amélia aventou a possibilidade do filho do feitor Messias, um menino que se chamava Jesus, que tinha sete anos de idade, frequentar as aulas da professora Dona Avelina, juntamente com seus filhos. Sr. Altamiro pediu a esposa que conversasse com a professora, se ela consentisse, ele não via nenhum inconveniente.

Dona Amélia na primeira oportunidade, falou com Dona Avelina sobre ensinar o filho do feitor Sr. Messias, ela concordou, e pediu que o menino viesse todos os dias as sete horas da manhã. Ela agradeceu a professora, imediatamente foi até a casa onde o feitor

morava com a esposa, que se chamava Dona Aparecida, e os três filhos, comunicar a decisão. Dona Cida, ficou muito feliz, o menino à princípio não gostou nem um pouco da ideia, mas assim que o pai chegou do trabalho, e ficou sabendo através da esposa, ele chamou o menino, e explicou-lhe aquela seria a única oportunidade em sua vida, aprender ler e escrever, que ele era um menino de muita sorte, no outro dia bem cedo, Jesus chegou acompanhado pelo pai, para começar aprender a difícil arte de ler e escrever, que nas fazendas, à época era privilégio somente dos filhos dos fazendeiros. Por esses tempos, os dois filhos mais velhos do casal, Anastácio e Anita, já conseguiam ler e escrever corretamente, Suelen que tinha apenas seis anos, já conseguia reconhecer as vogais, e algumas consoantes.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 23/04/2026.

Rani, Determinada

Havia chegado o mês de dezembro, a lavoura de café da Fazenda Briosso, não poderia estar em melhores condições, as poucas mudas que não vingaram, foram substituídas, o clima foi muito favorável, e o proprietário Sr. Altamiro de Miranda estava muito satisfeito, com sua lavoura, como também, com o desempenho de sua equipe de trabalho, que no decorrer daquele semestre, não tivera qualquer problema com nenhum de seus trabalhadores. Nesses seis meses que tinha tomado posse da fazenda, a havia transformado

completamente. Dona Avelina tinha encerrado o ano letivo, e viajado para cidade de Ribeirão Preto, para passar um mês de férias na casa dos pais. Com as crianças de férias, Dona Amélia aventou a possibilidade de viajar com as crianças, passar uns dias na casa de seus pais, na Vila de Batatais. Como estava previsto passarem o Natal, na fazenda de Coronel Gastão, pai de Sr. Altamiro, ela e as crianças depois do Natal, voltariam com o marido. Sr. Altamiro aprovou a decisão da esposa, e ela viajou com as crianças, ficando na casa grande somente Sr. Altamiro e as duas mucamas, daí dez dias ele também viajaria para passar o Natal com sua família.

Como fizemos entender, o casamento de Sr. Altamiro e Dona Amélia, há algum tempo vinha dando sinais, de que havia perdido o entusiasmo de antes. O desinteresse teria iniciado por parte de Dona Amélia, que parecia evitar que o marido se aproximasse dela. Depois sem uma razão aparente, mudou-se de quarto, esses detalhes insignificantes, não passaram despercebido, era no mínimo estranho, o casal era ainda bastante jovem. Rani apesar de ser uma moça inexperiente, por nunca ter tido

um namorado, sentiu que depois que a esposa se ausentou, seu amo e Senhor passou olhar com certo desejo, sem saber como deveria se comportar, instintivamente passou corresponder seus olhares discretamente, demonstrando sentir também por ele uma certa atração, até então não experimentada antes. Aos olhos de todos, Sr. Altamiro era considerado, um homem moralmente descente, como de fato sempre demonstrou ser, sabia perfeitamente, que a responsabilidade seria toda dele, Rani sendo sua propriedade, dificilmente iria recusa-lo. Sr. Altamiro sempre as trataram muito bem, raramente conversava com elas, às vezes pedia qualquer coisa, ou perguntava algo que queria saber.

Segundo o adágio “A ocasião faz o ladrão”. No segundo dia depois que Dona Amélia havia viajado, Rani estava sozinha na cozinha, lavando os pratos do jantar, Sr. Altamiro aproximou-se dela, e disse em voz baixa: — Espere sua irmã dormir, depois vai até meu quarto essa noite. Estarei lhe esperando.

Depois saiu atravessou toda a casa, e entrou em seu quarto. Rani no momento ficou toda atrapalhada, não sabia se deveria ou não atender

ao pedido de seu amo e Senhor. Imaginando o que poderia acontecer se ela o atendesse, e o que aconteceria se ela não fosse. Terminou o que estava fazendo, sentou em uma cadeira na varanda da cozinha, e ficou contemplando a multidão de estrelas que iam aparecendo no céu, à medida que escurecia, pensando, quantas mucamas, assim como ela, não teriam passado por aquela situação, diria nada convencional. Uma coisa era certa, ela não seria a primeira, nem seria a última, quanto mais pensava, mais se convencia que deveria atender ao pedido do patrão.

Trancou todas as portas e janelas como fazia todas as noites, foi para o quarto, onde Vani estava arrumando umas roupas, deitou em sua cama e ficou pensando, Vani terminou seu trabalho, sentou em sua cama, e resolveu conversar, somente ela falava, os pensamentos de Rani vagavam pelo interior da casa, maquinando se deveria ir ou não ao quarto do patrão, até que se estressou com a conversa da irmã, então disse: — Vani apague essa lamparina, e vamos dormir, minha cabeça está doendo, acho que vou constipar.

Vani respondeu: — Estou percebendo que você está mesmo diferente. Nunca a vi tão calada. Quer que vá até a cozinha, fazer um chá de erva-cidreira para você tomar?

— Não, quero somente que apague a lamparina, para que consiga dormir, amanhã vou acordar melhor.

Vani apagou a lamparina à querosene, deitou, em cinco minutos estava roncando. Rani tremia, uma voz lhe dizia na consciência para ir, outra para que não fosse, e ela continuava deitada, ouvindo os roncos da irmã. Até que levantou e foi sorratamente, até a porta a abriu vagarosamente, saiu e a encostou. Foi Tateando pelas paredes, na escuridão até quando chegou à porta do quarto do patrão, olhou no rodapé da porta, percebeu que havia luz no quarto, bateu levemente, ele veio abrir, ela entrou muito desconcertada. Ele percebeu que estava muito nervosa, disse: — Deite em minha cama, vamos conversar um pouco.

Ela deu a volta, e deitou no outro lado da cama. Ele também deitou e apagou a lamparina, a escuridão se fez, Sr. Altamiro disse: — Você não

deve estar entendendo muito bem, por que pedi que viesse ao meu quarto, vou explicar. Um homem na minha idade, precisa do carinho de uma mulher, e ultimamente Amélia não tem correspondido a essas minhas necessidades, às vezes vou até seu quarto à noite, e ela sempre inventa uma desculpa, e eu volto para dormir, tanto que não sinto mais sua falta, nem vontade de procura-la. Como você sabe, temos três crianças, por isso não vou me separar dela, e arrumar uma outra esposa. Gostaria saber, se você estaria disposta preencher esse vazio, que Amélia não está mais querendo ocupar? Dou minha palavra que nada de mal lhe acontecerá, vou te proteger em todos os sentidos, mesmo que ela venha ficar sabendo, que você está ocupando o lugar dela em minha cama, o que ela tem demonstrado, não sentir nenhum prazer ocupar. Agora que você sabe o que quero, volte para seu quarto, pense em tudo que te falei, quando estiver segura que poderá fazer o que estou pedindo, eu estarei aqui lhe esperando.

— Está bem, e se eu disser que não posso, o que vai me acontecer?

— Não vai te acontecer nada, apenas peço que não comente com ninguém, o que falei a você.

— Está bem, eu vou pensar, boa noite.

— Boa noite.

Sr. Altamiro riscou o isqueiro e acendeu a lamparina, ela levantou, abriu a porta e voltou tateando pelas paredes até chegar à frente a porta de seu quarto, abriu a porta foi até a cama de Vani, a sacudiu, ela acordou assustada, meio sonolenta, perguntou: — O que aconteceu Rani?

— Acende a lamparina, vamos até a cozinha fazer um chá, minha cabeça está doendo muito.

As duas saíram do quarto, iluminadas pela chama humilde da lamparina, foram até a cozinha, fizeram um chá bem forte, ambas tomaram e retornaram para o quarto, o chá de erva-cidreira, ou capim-cidreira são comprovadamente excelentes calmantes, ajudou Rani relaxar e pegar no sono. Acordou com o cantar dos galos, o dia não havia amanhecido, estava ainda escuro, Rani ficou por alguns momentos pensando em tudo que aconteceu, não sabia por que, mas estava muito feliz, por ter sido tratada com todo respeito, como uma

pessoa deve ser tratada, e não como uma escrava qualquer, era hora de levantar e preparar o café para seu amo e Senhor.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 26/04/2026.

Seguindo os Exemplos Paterno

Como o trabalho na lavoura estava em dia, Sr. Altamiro havia instruído ao Sr. Messias, que aquele final de ano poderia afrouxar a rotina de trabalho, poderiam ir mais tarde para a lavoura, e encerrarem o dia mais cedo. Em reconhecimento ao bom resultado obtido naquele semestre. Talvez por estar envergonhado, e não arrependido do que fizera a noite anterior, Sr. Altamiro só apareceu na cozinha, para pegar a matula do almoço para levar aos empregados, mesmo assim não omitiu em olhar acintosamente para

Rani, sem dizer nada, ela correspondeu seu olhar com um sorriso discreto. Vani estava na cozinha ajudando a irmã, mas nada percebeu. Apesar de Vani ter corpo de moça, era bem ingênua, jamais iria imaginar o que estava acontecendo entre a irmã e o patrão.

Um detalhe que achamos importante revelar: Segundo o Google, nos primeiros anos do século XIX, foram trazidas do Continente Africano cerca de 775 mil crianças, para serem escravizadas no Brasil. Como dissemos, Rani e Vani não eram africanas, nem filhas de escrava da fazenda de Coronel Gastão, ele as comprou ainda meninas, em um mercado clandestino de escravos, eram brasileiras filhas de escrava negra, cujo o pai, ou os pais, sem nenhuma dúvida de origem branca. Rani tinha nove anos e Vani sete anos, esse comércio também era proibido, mas acontecia clandestinamente, foram compradas justamente para aprenderem ser mucamas, portanto elas nunca trabalharam em lavouras, cresceram dentro da casa do Coronel Gastão, e foram instruídas ao trabalho doméstico, por Dona Florinda sua esposa, que adquiriu uma grande estima por elas.

Ainda segundo o Google. Um dos mais conhecidos mercados de escravos, era na cidade do Rio de Janeiro, chamava-se “Mercado Valongo”, onde eram comprados por negociantes, levados e revendidos nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Mas existiam os entrepostos de vendas de escravos, em todas as cidades portuárias do Brasil. Inclusive era recolhido aos cofres do império, impostos sobre cada escravos acima de três anos, desembarcados no Brasil.

Faz-se oportuno esclarecer, que a Lei do Ventre Livre, foi decretada e assinada pela Princesa Isabel, no dia 28 de setembro de 1871, a partir dessa data, toda criança filha de escravos, seria livre, apesar de continuar junto aos pais, sob a tutela do Senhor de escravo. Outro fato que achamos pertinente informar, que a partir de 1860, foram proibidas as importações de escravos. A época a qual estamos reportando, a Lei do Ventre Livre, já havia sido homologada, e o escravo tornara-se uma mercadoria rara, muito procurada e valiosa.

Sr. Altamiro retornou da lavoura trazendo a matula do almoço, colocou sobre a pia, e foi se ser-

vir para almoçar, Rani estava na cozinha, e já foi cuidar de lavar tudo. Geralmente depois de almoçar, Sr. Altamiro se deitava para fazer a sesta. Vani nesse momento se ocupava com a limpeza da casa, que era bem espaçosa. Rani estava ansiosa para que a noite chegasse, apesar de ainda não ter decidido, se voltaria ao quarto do patrão aquela noite, ou se demoraria mais para decidir, mas uma coisa estava certa, ela desejava muito estar lá ao seu lado, ouvindo sua voz, por que sentia que gostava dele, pelo fato de sempre ter a tratado muito bem, um monte de coisas transitavam pela sua cabeça, afinal o que uma mucama pode esperar na vida, somente trabalho e mais trabalho, todos os dias da semana, todos os dias do mês e dos anos. Particularmente nunca havia se interessado por nenhum homem branco, nem por um escravo, geralmente homens rudes e violentos, que não sabiam nem se portar diante de uma mulher, mesmo sendo uma escrava, não deixava de ser uma mulher, que merecia ser tratada com bons modos.

A noite chegou mais cedo, um temporal repentino expulsou os trabalhadores da lavoura, uns

vieram correndo, outros vieram tranquilos sob a chuva forte, tomando um banho de chuva fria, relâmpagos riscavam o céu e os trovões incontinenti ribombavam, e ecoavam dentro da mata próxima. Sr. Altamiro de pé na porta do pavilhão da senzala, preocupado com os trabalhadores que não chegavam. Quando os primeiros começaram chegar, perguntou, porque não deixaram o trabalho antes que a chuva chegasse? Responderam que quando perceberam, a chuva estava muito próxima, como já estavam todos molhados, vieram brincando na chuva. Como foi a primeira vez que isso aconteceu, Sr. Altamiro deliberou, que mandariam os carpinteiros construir alguns ranchos no meio do cafezal, para se protegerem das chuvas.

Assim que todos chegaram fez uma breve reunião, para dizer que quando o tempo estivesse ameaçando chover, para deixarem o trabalho, e viessem embora, que nos primeiros dias do ano, os três carapinas construiriam alguns ranchos no meio do cafezal para se protegerem das chuvas. O segundo recado, que a última semana do ano, ninguém precisaria ir ao trabalho, poderiam ficar descansando.

O terceiro recado, que faltando dois dias para o Natal, viajaria de charrete até a casa dos pais para passar o Natal, e buscar a esposa e os filhos. E todos foram dispensados, estavam muito molhados pela chuva, que ainda caía forte, formando enormes poças de água no terreiro próximo à casa grande e a senzala.

Essas benesses muitos podem achar que não aconteciam, de fato podem parecer irreais, poucos donos de escravos faziam essas conceções, acontece que Sr. Altamiro, aprendeu vendo o pai fazer essas coisas, ele nunca havia presenciado, nenhum problema sério, com seus escravos, como novo fazendeiro pretendia seguir os exemplos do pai.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 27/04/2026.

Caminho Sem Volta

Depois da breve reunião Sr. Altamiro foi para casa, tomou banho, jantou, assim como no dia anterior, depois do jantar foi para seu quarto, não disse nada a Rani, ela estava na cozinha acompanhada da irmã. Depois de realizarem todos os afazeres, as duas sentaram em cadeira na varanda da cozinha, não era possível ver uma única estrela no céu, estava nublado, e caía uma garoa fina, de vez em quando, um relâmpago iluminava a noite escura. Em fazendas, costumasse dormir cedo, e levantar muito cedo. Conversaram um pouco, en-

tão resolveram fechar as portas e as janelas, e irem para o quarto. Como dissemos, a vida de uma mucama se resume em trabalhar, dormir e comer. Mas Rani tinha algo que a perturbava, um compromisso pendente, Sr. Altamiro certamente a esperava em seu quarto, para ouvir dela, sua decisão. Se existia alguém naquela casa, que deveria pensar por si, e pelos outros era Sr. Altamiro, afinal ali ele respondia por tudo que viesse acontecer, sua função, obedecer e realizar as ordens do patrão e da patroa.

Rani esperou Vani dormir, quando começou roncar, fez como na noite anterior, levantou e saiu sorrateiramente, abriu a porta do quarto, saiu e a encostou, foi tateando pelas paredes, até chegar à porta de seu quarto, bateu levemente, ele veio abrir, ela entrou. Deu a volta na cama e foi deitar-se do outro lado, Sr. Altamiro também se deitou, mas não apagou a lamparina. Como ele não disse nada, Rani falou: — Se o patrão acha que lhe posso ajudar, eu faço o que o Senhor quiser que eu faça, mas eu não sei, se saberei fazer direito, terá que me ensinar.

— Essas coisas se aprendem facilmente, acredito que assim como todos animais, já nascemos

sabendo, é só desejar fazer. Vou apagar a lamparina, depois tiramos nossas roupas, você vai ver o quanto será fácil.

Sr. Altamiro assoprou a chama da lamparina, ela se apagou, a escuridão invadiu o quarto, ambos se despiram, daí por diante, pôr questão de princípios vamos abstermos de registrar o que aconteceu, compete-nos apenas dizer, que o instinto natural se encarregou em ajuda-los realizar o que pretendiam. Rani voltou para seu quarto, quando os galos atendendo a seus instintos começaram cantar, Sr. Altamiro consultou seu relógio de bolso, eram duas horas da manhã, com sua anuência ela levantou-se e saiu, sem não antes pedir que a esperasse no mesmo horário, na próxima noite. Desde então todas as noites, assim que Vani adormecia, Rani ia para o quarto de seu patrão, e ambos estavam vivendo momentos maravilhosos, Sr. Altamiro encontrou na mucama Rani, o que sua esposa Amélia, em mais de doze anos de casados, não conseguira proporcionar, ele estava muito feliz.

O que podemos dizer que os dois estavam se entendendo muito bem, por Sr. Altamiro ter sido o

primeiro homem em sua vida, Rani estava vivendo uma grande história de amor, ela não saberia dizer, se poderia ser feliz sem aquele relacionamento. O mesmo estava acontecendo com Sr. Altamiro, apesar de ser um homem casado, pai de três filhos, não estava preocupado com o que poderia acontecer. Em seus colóquios isentava Rani de qualquer responsabilidade, para que não se preocupasse, ele a protegeria em todas as circunstâncias.

Faltando dois dias para o Natal, com ajuda de Sr. Messias, Sr. Altamiro atrelou dois cavalos à charrete, depois de fazer uma série de recomendações, subiu à charrete e saiu no sentido sul, em direção à Vila de Batatais, onde mais ao sul, se localizava a fazenda do pai. Mas antes passaria na pequena cidade, para pegar a esposa e os filhos, só então, iriam para a casa paterna.

Assim que Sr. Altamiro parou sua charrete à frente à casa de seu sogro, seus três filhos vieram correndo ao seu encontro, ele abraçou a todos, e perguntou pela mãe. Nesse momento Dona Amélia, abriu a porta da frente da casa, e também veio ao encontro do marido, cumprimentando-o meio

acanhada, perguntando se estava tudo bem lá na Fazenda Bioso, ele respondeu que estava tudo em ordem.

Dona Amélia disse ao marido, que estava ajudando a mãe preparar o almoço, e viajariam para fazenda do sogro depois de almoçarem, Sr. Altamiro concordou, depois de cumprimentar a sogra Dona Narcisa, disse a esposa que iria dar uma volta na praça, talvez encontraria algum de seus amigos para conversar, e se inteirar dos últimos acontecimentos. Dona Amélia sorriu, ele saiu acompanhado do filho Anastácio, que já era um rapazinho com quase onze anos de idade.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 30/04/2026.



Visita a Casa Paterna

Sr. Eusébio, sogro de Sr. Altamiro, era um comerciante quase sexagenário, de origem portuguesa, que começou sua profissão ao lado do pai, na Capital, quando se casou com Dona Narcisa, resolveram migrarem para o interior, mais especificamente para a região de Ribeirão Preto, onde trabalhou como empregado, no mesmo tipo de trabalho, depois de alguns anos, decidiu montar seu próprio empório, na pequena Vila de Batatais, onde ao lado da esposa criaram seus quatro filhos, agora todos casados e estabelecidos na região.

Foi justamente ali que Altamiro aos vinte anos de idade, conheceu Amélia com dezessete anos, depois de alguns meses de namoro, se casaram, e passaram morar na fazenda do pai, o Coronel Gastão de Miranda. O pai lhe cedeu uma pequena casa, e ele passou cuidar e usufruir de alguns milheiros de pés de café, até quando o pai, a pouco tempo atrás, o presenteou com a Fazenda Briosso, onde estão morando.

Sr. Altamiro saiu caminhando ao lado do filho, foram direto ao empório do sogro, que não ficava muito distante de sua casa, como estava próximo ao Natal, o pequeno armazém estava bem movimentado. Não querendo atrapalhar, apenas cumprimentou ao sogro, e disse que assim que almoçassem, iria com a família para fazenda do pai. Como Sr. Eusébio estava muito ocupado, trocou algumas poucas palavras, logo se despediram, saiu a rua, não viu nenhum de seus velhos amigos, resolveu voltar para casa, caminhando ao lado de Anastácio.

Depois do almoço despediram de Dona Narcisa, Dona Amélia juntou seus pertences, todos

aboletaram na confortável charrete, tracionada por dois cavalos, pegaram a direção sul, que os levariam a fazenda de Coronel Gastão, que ficava distante vinte quilômetros do povoado. Não obstante a fazenda não ter um nome específico, era conhecida por todos como Fazenda do Coronel Gastão, onde ele morava com a esposa Dona Florinda, muitas famílias de colonos, e muitos escravos, para cuidarem de centenas de milheiros de pés de café, em plena produção, o que fazia dele, um homem muito conhecido e respeitado, por ser muito rico e correto em seus negócios.

Como dissemos, Coronel Gastão tinha um método bem racional para lidar com seus escravos, não permitia maus tratos, castigos, nem trabalhos excessivos, por esse fato, nunca tivera sérios problemas, o que não era comum na região. Sr. Altamiro adotara o mesmo sistema do pai, e até então, estava obtendo bons resultados.

Deveriam ser quase três horas da tarde, quando a charrete de Sr. Altamiro adentrou o espaço do terreiro da casa grande da fazenda do pai, muitos escravos e colonos da fazenda, se ocupavam em ser-

viços de limpeza do quintal. Alguns deles, deixaram o que estavam fazendo, foram ajuda-lo a desatrelar os cavalos da charrete, depois conduzi-los até ao estábulo, onde haviam as cocheiras com alimentos, enquanto Dona Amélia e as crianças, conduziam seus pertences para o interior da casa. Todos aqueles moradores eram velhos conhecidos de Sr. Altamiro, e tinham por ele muito respeito, apreço e consideração, pelo fato, que ao longo do tempo que morou ali, tratava a todos dessa mesma maneira.

Depois de cumprimentar e conversar um pouco com todos, se dirigiu a casa dos pais. Não obstante a pequena distância que separavam as duas propriedades, pouco mais de trinta quilômetros, depois que se mudaram, aproximadamente sete meses, não mais haviam retornado ali, onde cresceu, depois que se casou, continuou morando e trabalhando, até se mudar para Fazenda Bioso. Motivados pelo excesso de trabalhos exigidos no plantio do cafezal. Coronel Gastão e Dona Florinda, estavam muito felizes com a visita do filho e sua família, o abraçaram em demonstração a saudade que estavam sentindo. Enquanto Coronel Gastão questionava o

filho, a respeito dos trabalhos dos escravos na lavoura, Dona Florinda perguntava a nora, como estavam se comportando Rani e Vani, diante dos trabalhos domésticos, que imaginava serem muitos, tinha conhecimento, através das conversas do marido, que era uma casa muito grande, e a quantidade de trabalhadores na lavoura aumentavam os trabalhos. O almoço era preparado na cozinha da casa grande, e levado para os trabalhadores. O jantar era preparado pelas mulheres escravas, depois que chegavam do trabalho, na cozinha da própria senzala, e lá todos jantavam.

Dona Amélia ponderava, reconhecia o quanto o trabalho das duas mucamas, estavam contribuindo indiretamente para o bom resultado, na formação do cafezal que o marido havia decidido implementar, ao tempo que agradecia a sogra por ter lhe apresentado com as duas jovens tão dedicadas, trabalhadeiras e responsáveis. Tanto que naquele momento, a casa da fazenda estava sob suas responsabilidades.

Mais tarde Dona Florinda conversando com a nora, confidenciou que tinha conhecimento, que

no passado, por várias vezes seu marido se envolveu com algumas escravas, mas felizmente foram casos passageiros, e por sorte nenhuma delas se engravidara. Dona Amélia ficou admirada com a maneira natural da revelação. Nunca havia pensado nessa possibilidade, depois disse a sogra, que não acreditava que Altamiro seria capaz, ele quase não tinha contato com suas escravas, havia delegado essa função ao feitor Sr. Messias. Dona Florinda percebeu que a nora não havia interpretado devidamente sua mensagem, então esclareceu que não estava se referindo às escravas que trabalhavam na lavoura, mas as duas mucamas jovens que trabalhavam na casa. Dona Amélia descartou qualquer possibilidade, disse a sogra que confiava plenamente em Rani e Vani. Dona Florinda justificou-se dizendo:

— Em seu lugar, não teria saído de casa, deixando Altamiro quinze dias sozinho com elas, são duas jovens muito bonitas, principalmente Rani. Concordo que você confie nelas, em seu lugar não confiaria em Altamiro, pelo fato dele ser homem, e por acréscimo, filho de Coronel Gastão de Miranda.

Dona Amélia ficou pensativa, depois disse a sogra: — Estava com tanta vontade passar esses quinze dias na casa de minha mãe, que nem pensei nessa possibilidade, de qualquer forma, agradeço aos seus conselhos, talvez eu não deva mesmo confiar em Altamiro.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 02/05/2026.



Dona Amélia

Facilitando as Coisas

Aquela conversa aparentemente despre-
tensiosa, entre Dona Amélia e Dona
Florinda, diria que aconteceu em um
momento inconveniente, principalmente por ser
véspera de Natal, a maneira como Dona Florinda
falou, de repente expulsou toda a alegria que es-
tava sentindo, passou observar melhor o marido,
percebeu que ele muito raramente a olhava, relem-
brou os momentos que esteve ao seu lado durante
a viagem na charrete, ele limitou-se responder suas
perguntas. Toda frieza que sentia, em relação a

ele, foi dando lugar a uma espécie de ciúme bobo, que nunca sentira antes. Só então entendeu, que sua sogra estava certa, era melhor não facilitar as coisas, caso viesse acontecer de verdade, ela não saberia o que fazer.

Naquele final de ano, os outros dois filhos do Coronel Gastão e Dona Florinda, avisaram com antecedência que não seria possível vir visita-los. Na família, não havia tradição realizar a ceia, na noite que precede o dia de Natal, nem tão pouco havia a tradicional troca de presentes, foram dormir no horário habitual. Dona Florinda observou que a nora fora se deitar com as crianças em um dos quartos, enquanto o filho ficou conversando com o pai na sala. Assim que amanheceu o dia, achou estranho quando viu que o filho e a nora tinham dormido em quartos diferentes. Enquanto tomavam o café, Altamiro sugeriu a esposa, que ficasse com as crianças na casa de seus pais aquela semana, voltaria no último dia do ano, assim passariam também ali, o primeiro dia do ano novo.

Dona Amélia olhou para a sogra disfarçadamente, como pedindo sua opinião, ela desconfiada,

fez entender que não, então respondeu ao marido: — Assim que as crianças levantarem, vou conversar com elas, para saber se querem ficar.

Ele apenas sorriu, deduzindo que as crianças não se oporiam. Dona Florinda perguntou ao filho: — Como estão as meninas Rani e Vani, estão fazendo tudo direitinho, sem a presença de Amélia?

— Estão sim minha mãe, quanto a isso não precisam preocuparem, elas estão bem, são muito dedicadas e responsáveis.

Coronel Gastão, corroborou dizendo: — Você teve uma excelente ideia meu filho, aposto que as crianças vão adorar ficar aqui essa semana.

Assim que terminaram o café, Sr. Altamiro e o pai levantaram e saíram para o terreiro, em direção a tulha de café. Dona Amélia aproximou da sogra, e perguntou diretamente, sem subterfúgios: — O que a Senhora entendeu a respeito da sugestão de Altamiro, para que eu e as crianças ficássemos aqui essa semana?

— Para dizer a verdade, existem mais coisas entre vocês que não estou entendendo. Pelo que percebi essa noite, você dormiu em um quarto com

as crianças, e ele dormiu sozinho no outro quarto, isso depois de passarem quinze dias longe um do outro. Me explique essa história para que eu possa entender.

— Há muito tempo dormimos em quartos separados, lá em casa eu tenho meu quarto, Altamiro tem o dele, já nos acostumamos dormir assim.

— Então a situação é mais grave que imaginei. Quando um casal jovem como vocês, não sentem necessidades de dormirem juntos na mesma cama, é por que existe alguma coisa errada, nesse caso, você está facilitando para que as coisas aconteçam. Se a situação é essa, ele já se acostumou, não está mais sentindo sua falta. Prefiro não me meter em vossas vidas, você decide se fica ou não. O que posso dizer é que nenhuma relação sobrevive assim por muito tempo.

— A Senhora está dizendo que Altamiro vai me deixar?

— Não, isso acredito que ele não faria, devido as crianças, mas se não mudar sua maneira de agir, logo vai por outra mulher em sua cama, como eu disse, prefiro não me meter em vossas vidas.

Assim que as crianças levantaram, na presença da sogra, Dona Amélia transmitiu a eles a sugestão do pai, todos foram unânimes em permanecer a casa dos avós aquela semana, a hora do almoço Dona Amélia, na presença de todos disse ao marido que ficariam, que ele viesse busca-los daí uma semana. Sr. Altamiro recebeu a decisão com um sorriso, disse apenas:

— Assim as crianças aproveitam melhor as férias, e você descansa um pouco dos trabalhos lá de casa.

Dona Florinda não disse nada, mas pensou consigo mesma, “esse casamento não vai durar por mais muito tempo”.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 05/05/2026.



Mais Apaixonados

A tarde daquele mesmo dia, Sr. Altamiro atrelou os cavalos à charrete, despediu-se dos pais e da família, subiu na charrete, e pegou o caminho em direção à Fazenda Bioso. Como viajava sozinho, imprimiu aos cavalos uma marcha acelerada, queria chegar à casa antes do anoitecer.

Rani e Vani esperavam que Sr. Altamiro chegasse trazendo a esposa e as crianças, conforme ele mesmo havia prometido, ficaram surpresas quando o viram chegar sozinho. Imediatamente explicou a elas, que Dona Amélia e as crianças optaram por ficarem com

os pais dele, mais uma semana, atendendo ao pedido de seus pais, para não contrariar os velhos, consentiu.

Como podemos observar a visita de Sr. Altamiro à casa paterna, não possibilitou nenhum contato mais íntimo entre ele e a esposa, devido a maneira desinteressada como procedeu Dona Amélia. Mas essa situação já vinha ocorrendo a muito tempo. Quando esse tipo de proceder, começa tornar-se frequente na vida de um casal, é um sinalizador que a vida conjugal não está indo nada bem, como deduziu Dona Florinda. Compete-nos dizer que o desinteresse era recíproco, tanto que Dona Amélia, optou por ficar mais uma semana longe de sua casa e do marido.

Essa situação não estava acontecendo entre Sr. Altamiro e Rani. Assim que Vani começou dormir, Rani saiu sorrateiramente de seu quarto, como sempre apoiando nas paredes na escuridão, chegou à porta do quarto do patrão, percebeu que a lamparina estava acesa, empurrou levemente a porta se abriu, Sr. Altamiro veio ao seu encontro lhe abraçou e beijou apaixonadamente, demonstrando que não estava apenas lhe esperando, mas o pequeno espaço de tempo que ficaram longe um do outro, provocou muita saudade.

Talvez pareça precipitado de nossa parte concluir, o que estava acontecendo com Sr. Altamiro e a jovem Rani, não era um simples relacionamento íntimo. Na conversa que eles tiveram naquela noite, ficou bem claro que ambos sentiram falta um do outro, naquela noite que esteve ausente. A maneira carinhosa como os dois se relacionaram, assegurou-nos que algo mais profundo estava acontecendo. Como fizemos entender, principalmente para Rani, aquele era um caminho sem volta. E ele estava fazendo tudo, para que ela confiasse nele e pensasse assim.

Em toda sua vida conjugal com a esposa, Sr. Altamiro não havia tido uma noite tão especial como foi aquela. Desde a primeira noite que ficaram juntos, Rani não deixou de visita-lo, em nenhuma das noites seguintes, mas depois dessa rápida viagem, tudo se tornou mais intenso e prazeroso. Ambos tinham consciência que estavam fazendo algo errado, mas agora depois dessa breve experiência, seria muito difícil para eles deixarem de continuar.

Rani estava tão feliz, que seu desejo era revelar a irmã o que estava sentindo e acontecendo, Sr. Altamiro disse a ela, que não dissesse nada a ninguém,

que tudo ao seu tempo, haveria de ser revelado. Ela divagava em pensamentos, imaginando como seria essa revelação, como reagiria Dona Amélia quando soubesse. Sr. Altamiro havia falado a ela, que não se preocupasse, que toda responsabilidade seria dele, ele assumiria as consequências de seus atos.

Rani era uma jovem de apenas dezoito anos, Sr. Altamiro fora o primeiro homem em sua vida, e da maneira como agiu desde o início, a conquistou. Em nenhum momento a obrigou a nada, sempre compreensivo e carinhoso, aquelas maneiras haviam conquistado seu coração inocente, ela sentia que o amava muito, gostava de estar ao seu lado, de ouvir sua voz. Nunca imaginara que seria assim, ela estava muito apaixonada, e não sabia o que seria de sua vida, caso fosse obrigada deixar aquela casa. Essas preocupações ela revelou a ele, mais de uma vez, simplesmente dizia que isso não aconteceria, era assunto dele, competia a ela apenas seguir suas orientações, e tudo acabaria bem.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 08/05/2026.

A Cumplicidade de Vani

No dia seguinte, Rani e Vani levantaram cedo, como faziam todos os dias, prepararam e tomaram o café. Em seguida Vani de posse de uma vassoura foi varrer a enorme casa, Rani permaneceu envolvida com os trabalhos na cozinha. Sr. Altamiro levantou-se muito feliz, passou por Vani e a cumprimentou. Chegando à cozinha encontrou Rani lavando alguns utensílios na pia, aproximou-se dela e a abraçou por trás, ela virou assustada, sem poder fazer nada, entregou-se num demorado beijo. Por coincidência Vani dei-

xou de varrer e veio até a cozinha perguntar alguma coisa a irmã, sem que os dois percebessem ela os flagrou se beijando apaixonados.

Instintivamente deu meia volta e retornou aos seus afazeres. Ficou pensando em tudo que acabara de ver e concluiu: “A irmã e o patrão estavam envolvidos em um relacionamento íntimo”. Isso era muito sério, quando Dona Amélia voltasse e descobrisse, as coisas não ficariam bem para Rani, e talvez também para ela. Teria que conversar com a irmã, e saber direito o que estava acontecendo, então entendeu o motivo de Rani estar tão feliz naqueles últimos dias.

À noite no quarto, quando se preparavam para deitar, Vani não resistiu o desejo de ouvir da irmã, a explicação que justificasse sua intimidade com o patrão, na manhã daquele dia na cozinha, sem fazer rodeios, perguntou:

— Gostaria saber o que está acontecendo com você, e com nosso patrão? Essa manhã sem querer, vi ele te beijando lá na cozinha?

Rani não desejava que a irmã soubesse de seu relacionamento com o patrão, ele mesmo ha-

via pedido a ela, que não dissesse a ninguém, no momento certo, ele faria essa revelação. Então tentou disfarçar dizendo: — Não está acontecendo nada, não sei o que deu nele essa manhã, eu estava lavando na pia, ele me abraçou por trás, me virei, ele me beijou, agora apague essa lamparina e vamos dormir.

Vani obedeceu a irmã, mas achou muito estranha a explicação da irmã. Sr. Altamiro sempre foi muito reservado, limitava-se conversar com elas só o necessário, abraçar e beijar Rani, destoava completamente de suas maneiras, a não ser que entre eles estava acontecendo algo, que a irmã não queria compartilhar, mas quando Dona Amélia retornasse, certamente teria de ser interrompido, se ela descobrisse, só Deus saberia o que poderia acontecer. Divagando com esses pensamentos Vani adormeceu, Rani percebeu a respiração ofegante da irmã, levantou-se cuidadosamente e foi até os aposentos de Sr. Altamiro, que a esperava impaciente. A descoberta da irmã, a preocupava, decidiu que o patrão precisava ter conhecimento, para instruí-la como proceder. Assim que chegou, disse a ele: — Essa

manhã fomos vistos por Vani, nos beijando na cozinha, disse a ela que não tinha entendido por que fez aquilo, mas acho que ela não acreditou, devo contar a ela a verdade, ou não?

Sr. Altamiro ficou pensativo, depois respondeu: — Pode contar a verdade a ela se quiser, mas que não saia espalhando por aí. Assim que Amélia retornar, resolverei essa situação. Como já te disse, esse é um problema meu, e vou resolver à minha maneira, não precisa se preocupar.

Rani o abraçou fervorosamente, lhe beijando freneticamente a boca e o rosto, como forma de agradecimento, demonstrando que confiava plenamente em suas palavras. Seria os eflúvios de mais uma inesquecível noite de amor entre eles, deixando a certeza, que aquela relação poderia vir sofrer percalços, mas a cada noite que viviam, solidificavam ainda mais, os laços para resistirem às prováveis intempéries.

Entre Rani e Vani sempre existiu mais que uma simples relação de irmãs, eram muito amigas e confidentes, aquele assunto se tornara um segredo, a pedido de Sr. Altamiro, agora com sua permissão,

ela revelaria a irmã tudo que estava acontecendo. Sabia que podia confiar nela plenamente. No dia seguinte pela manhã, depois que Sr. Altamiro foi cuidar de suas obrigações, ela chamou a irmã, sentaram em cadeiras, então Rani revelou como tudo aconteceu, desde o princípio, e as razões por que até então não havia contado a ela, e confidenciou o mais importante, que amava seu Senhor, com toda sinceridade de seu coração.

Vani recebeu todas as informações com naturalidade, pelo fato de já estar desconfiada, sabia perfeitamente que o caso era sério, compreendeu a gravidade da situação, disse a irmã, que poderia contar com ela, em tudo que viesse acontecer, sempre estaria ao seu lado. Rani agradeceu e pediu discrição e segredo a irmã, levantaram das cadeiras, cada uma foi cuidar de seus afazeres de mucamas.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 09/05/2026.



O Ano Novo, Promete Muitas Revelações

A hora do almoço os três sentaram à mesa, como faziam todos os dias, Vani se comportou como se nada soubesse. Depois do almoço Sr. Altamiro foi para seu quarto, fazer sua costumeira sesta, enquanto as duas foram cuidar de suas obrigações. À noite Rani não esperou Vani dormir como sempre fazia, atendendo a sugestão da irmã, foi para o quarto do patrão, agora guiada pela luz de uma lamparina, Sr. Altamiro percebeu que Rani havia revelado a irmã o romance deles. Assim que ela entrou e fechou a porta, ele

perguntou: — O que sua irmã disse a respeito de nosso namoro?

— Não disse nada, mas ficou preocupada, assim como eu estou, desde que começamos namorar.

— Já lhe disse várias vezes, que esse é um problema que compete a mim resolver, e logo tudo se resolverá. Meu casamento com Amélia a muito tempo se acabou, ela vai compreender, assim que ela voltar, vamos resolver essa situação.

Pela primeira vez Rani ficou no quarto de Sr. Altamiro até o dia amanhecer, assim que ouviu Vani se levantar, também se pôs de pé, e foi cuidar de suas obrigações, daí alguns minutos Sr. Altamiro também levantou para ir tomar seu café. De maneira formal, um pouco constrangido cumprimentou Vani, que correspondeu seu cumprimento com um sorriso discreto. Tomou o café sem proferir uma só palavra, depois levantou e saiu em direção à senzala. No dia seguinte seria o último dia do ano, precisa dar algumas instruções ao feitor Messias, para que supervisionasse tudo, e mantivesse a ordem, a exemplo do que fizera, quando se ausentou, na semana anterior, véspera do Natal. Ele iria até a casa

dos pais, passar o primeiro dia do ano, e buscar a família. Sr. Messias disse a ele que poderia viajar sossegado, os escravos não faziam nada de errado.

O fato de Sr. Altamiro estar sozinho com as duas mucamas na casa grande, não levantava nenhuma suspeita pelo feitor e os outros escravos da fazenda, seus modos reservados de relacionar com seus subordinados, sua condição de patrão, imputava entre ele e os empregados um distanciamento considerável, ninguém imaginava que Sr. Altamiro, com toda sua superioridade, sua maneira moralista e sistemática no proceder, seria capaz de vir se interessar por uma escrava como as mucamas de sua esposa. Todos ignoravam que o casamento do patrão com Dona Amélia, a muito havia perdido o magnetismo natural, que mantém os casais fiéis ao compromisso assumido.

Um detalhe há de se considerar, a juventude e a beleza escultural de Rani eram indiscutíveis, mesmo vestida com toda simplicidade, em seus trajes de mucama, seu rosto bonito, iluminado pelos seus olhos negros e expressivos, sua boca sensual e dentes perfeito, seus cabelos negros, longos e encaracola-

dos, mancomunado com um sorriso ingênuo, mas encantador, não passariam despercebido pelo mais dos relapsos observadores. Todos esses atributos de Rani, de repente tornaram evidentes aos olhos de Sr. Altamiro, a maneira receptiva como ela o aceitou, fez despertar nele, emoções que nunca sentira antes. Poderíamos dizer, Sr. Altamiro estava disposto a fazer qualquer coisa, para aquele relacionamento não terminasse, assim como ela, ele também estava apaixonado.

No último dia do ano, logo pela manhã, atrelou os dois cavalos à charrete, vestiu-se mais condizente, despediu de Rani e de sua irmã Vani, subiu a charrete, tomou as rédeas nas mãos, orientando os cavalos, em direção ao caminho que o levaria diretamente à fazenda do pai, a distância de trinta e poucos quilômetros, não demoraria mais de algumas poucas horas, chegaria em tempo para almoçar ao lado dos pais e de sua família. Assim que viu a charrete partir, Rani foi até seu quarto, deitou em sua cama, e chorou sentidamente. Uma espécie de medo e insegurança a envolveu, quando ele voltasse trazendo a família, como haveria de ser?

Não obstante Sr. Altamiro lhe assegurar, que aquele era um problema que competia a ele resolver, em sua insignificância, Rani não imaginava como isso seria. Dona Amélia poderia muito bem, destitui-la da função de mucama, exigir que o marido a submetesse ao trabalho na lavoura, junto com as outras escravas, e não mais permitisse sua presença dentro daquela casa, a obrigaria morar na senzala, afinal, ela usurpara o marido em sua ausência. Nessas situações o lado mais fraco e frágil, sempre acaba pagando caro pelo que aconteceu.

Mas de uma coisa ela estava segura, se pudesse voltar atrás, faria exatamente o que fez, ao lado de seu Senhor, viveu momentos inesquecíveis, amava-o com toda intensidade de seu coração, e sentia-se muito amada também por ele, sempre a tratou com respeito, e lhe deu o carinho que jamais pensou em receber na vida, era seu dever confiar nele. Pensando assim, Rani refez suas forças, enxugou os olhos, levantou e foi cuidar do trabalho.

Antes das onze horas, a charrete de Sr. Altamiro adentrava o espaço do quintal da casa da fazenda de seu pai, Coronel Gastão acompanhado do neto,

vieram recebe-lo, assim que ele desceu o cumprimentaram. Sr. Altamiro desatrelou os cavalos da charrete, depois os conduziu até o estábulo, onde existiam as cocheiras com alimentos. Enquanto isso, Coronel Gastão com ajuda do neto Anastácio empurraram a charrete para o interior de um espaçoso galpão, usado exatamente para guardar o carroção de bois, e a charrete de passeio. Em seguida os três caminharam em direção à parte dos fundos da casa.

Sr. Altamiro ao encontrar a mãe na cozinha a abraçou, tomando-lhe a benção, cumprimentou a esposa pegando em sua mão, depois abraçou as filhas Anita e Suelen. Dona Florinda perguntou como havia passado a semana, se estava tudo bem lá em sua casa, como estavam Rani e Vani.

— Passamos bem, lá em casa está tudo normal, Rani e Vani estão bem, mandaram um abraço para Senhora e para o papai. A propósito a Senhora e o papai deveriam ir passar uns dias lá em casa, para a Senhora conhecer e rever as meninas, e o papai ver como está nosso cafezal.

Coronel Gastão, respondeu pela esposa: — Prometo que antes de iniciarmos a colheita do café,

iremos passar uns dias lá, estou curioso para ver vosso cafezal, mas como você descreveu, imagino que esteja muito bonito mesmo. Uma das coisas que mais gosto ver, é uma lavoura nova de café, ainda mais em uma terra fértil como aquela, em um ano bom de chuvas, como ocorreu esse ano que está se findando. Assim Florinda conhece vossa casa e reve-
mos as irmãs, a quem gostamos muito.

— Não vejo a hora que meu cafezal comece produzir os primeiros frutos, acredito que daqui três anos, vamos também colher café por lá. Esse ano que se inicia amanhã, pretendemos derrubar um novo talhão da mata, e plantar mais vinte mil pés, para totalizar os cem mil pés de café.

— Você que cresceu nessa fazenda, acompanhou e participou da luta, foram muitos anos plantando café, só paramos quando conseguimos plantar meio milhão de pés de café, mas valeu nosso esforço, hoje estamos colhendo o que plantamos.

Dona Florinda observava discretamente os comportamentos do filho e da nora, a frieza e a indiferença como se relacionavam, aparentemente denunciavam, que nenhum sentiu a ausência do ou-

tro. Como nesses casos, a melhor coisa a fazer é não se meter, Dona Florinda absteve de fazer qualquer comentário à nora, o filho e a nora pareciam estar felizes, conversavam e sorriam normalmente, isso era o que importava. Esperaria chegar à noite, para comprovar ou não suas suspeitas.

Para surpresa de todos, no final daquela tarde chegou à fazenda uma charrete de aluguel, tracionada por dois cavalos, assim que parou, desceram Ana Clara e seu marido Fausto, e um casal de crianças, eram a filha caçula, o genro e um casal de netos de Coronel Gastão e Dona Florinda, que resolveram de última hora, passarem o primeiro dia do ano na casa dos pais. Fora realmente uma surpresa, por que haviam avisado com antecedência que não viriam, nem para o Natal, nem para o Ano Novo. A chegada da filha, do genro e dos netos, fora motivo de muita alegria para todos, Sr. Altamiro e Dona Amélia há alguns anos não viam a irmã, o cunhado e os sobrinhos.

Enquanto conversavam sentados a varanda dos fundos da casa, Dona Florinda observava os comportamentos dos dois casais, percebeu sem esforço,

a diferença entre eles, a filha sempre próxima ou abraçada ao marido, enquanto a nora sempre distante, em nenhum momento um aproximou-se do outro. Ela poderia estar enganada, mas algo lhe dizia que a situação do casamento do filho, não andava bem.

À noite aconteceu exatamente como na véspera do dia de Natal, Sr. Altamiro ficou conversando com o pai e o cunhado na sala, Dona Amélia foi dormir, no mesmo quarto com as crianças, como fazia todas as noites, ignorando praticamente a presença do marido. Dona Florinda esperou até que todos fossem dormir, naturalmente o genro entrou no quarto onde a esposa e as crianças estavam, o filho sem nada perguntar, foi ocupar sozinho o mesmo quarto da semana anterior, definitivamente, Dona Florinda não entendia o que estava acontecendo.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 12/05/2026.



Revelações Íntimas de Dona Amélia

Quando amanheceu o primeiro dia do ano, as mucamas da casa grande, que eram quatro Senhoras, todas escravas negras, haviam preparado uma farta mesa de café. Os primeiros a levantar, foram os donos da casa, depois Sr. Altamiro. Quando todos os adultos haviam se levantado, sentaram para degustarem o diversificado cardápio, preparado pelas mucamas, todos preparados com produtos ali mesmo da fazenda.

Sr. Altamiro convidou cunhado e a irmã, irem conhecer a Fazenda Briosso onde moravam, Sr.

Fausto agradeceu ao convite, disse que a visita ficaria para próxima vez, essa seria uma visita rápida, pretendiam retornar a Capital logo, devido às obrigações de trabalho. Explicou que com as facilidades oferecidas pela ferrovia, suas visitas agora seriam mais frequentes. Coronel Gastão, aproveitou o ensejo, disse ao genro:

— Qualquer dia desses, eu e Florinda vamos pegar o trem, e fazer uma visita a vocês na Capital, aproveitaremos para visitar também Custódio, que agora como médico, esqueceu de seus pais aqui no interior.

Sr. Altamiro perguntou a irmã, se tinham notícias do irmão, Dr. Custódio, Ana Clara respondeu: — Acreditamos que ele, a esposa e os dois filhos, estão todos bem, mas como médico, é um homem muito ocupado, disse-nos que só virão aqui visitá-los em suas férias no meio do ano.

Assim que os três homens saíram, Dona Florinda preocupada com o relacionamento do filho e a nora, aproveitou um momento que estava sozinha com a filha, confidenciou o estranho comportamento deles, profetizando que havia algo anormal entre eles.

Apesar da inexperiência de Ana Clara, que não tinha ainda trinta anos de idade, disse a mãe: — O fato deles dormirem em quartos separados não significa que o casamento deles esteja em crise, enquanto estiverem vivendo em harmonia, acredito que está tudo bem entre eles, deve ser impressão da Senhora, que sempre foi muito apegada ao papai, cada casal com o tempo, definem a melhor maneira para se relacionar. Uma coisa sempre percebi, Altamiro e Amélia toda vida sempre foram muito reservados e discretos. Acho que a Senhora não devia se preocupar, em minha opinião eles se gostam e vivem bem. Mas vou conversar discretamente com Amélia, talvez ela me diz alguma coisa sobre a vida íntima deles.

— Faça isso minha filha, talvez a você ela diz qualquer coisa. Pode ser que eu esteja vendo coisa que não existe.

Momentos depois Ana Clara teve oportunidade de ficar a sós com a cunhada. Depois de conversarem sobre alguns assuntos, Ana Clara sem nenhuma cerimônia disse, perguntando: — Mamãe comentou comigo, que acha muito estranho, você e

Altamiro dormirem em quartos separados, me diz com sinceridade, vosso relacionamento íntimo não está muito bem?

— Para dizer a verdade, eu nunca senti nenhum prazer, mantendo relações sexuais, fazer sexo para mim, é algo muito desagradável, então decidi dormir em quarto separado, Altamiro sabe que sou assim, e já nos acostumamos, acho melhor que seja assim.

— Você não teme que Altamiro sinta falta, e venha procurar outra mulher?

— Sinto que Altamiro também perdeu o interesse, não acredito que ele venha procurar outra mulher, já temos nossos filhos, não precisamos mais disso.

— Você sabia que existem tratamentos médicos para corrigir esse tipo de frigidez, e ativar o desejo sexual dos casais?

— Não sabia que médicos entendessem dessas coisas, não teríamos coragem procurar um médico para essa finalidade, um problema simples e sem importância, não estamos doentes. Podemos viver muito bem assim.

Ana Clara ficou pensativa, sentindo pena da cunhada e do irmão, se perguntando: “Será que o desejo sexual entre os casais desaparece com o tempo? Se for assim, a vida de casado perde o sentido. A mamãe saberá me dizer se é assim mesmo”.

Se o café servido pela manhã havia sido um banquete, não imaginam como foi o almoço de Ano Novo, na casa do Coronel Gastão. As mucamas de Dona Florinda eram ótimas cozinheiras. A fartura e a qualidade da comida, era algo inconcebível para tão poucas pessoas. Faz-se oportuno esclarecer que nesse dia, apesar de apartados, os escravos comiam tão bem quanto seus Senhores. Coronel Gastão fazia questão que fosse assim. Sempre comemoravam o primeiro dia do ano, com um almoço especial, desde os tempos mais difíceis, o almoço do primeiro dia do ano, havia tornado uma tradição em sua casa.

Assim que o sol começou declinar, Sr. Altamiro comunicou à esposa para arrumar os pertences, iria atrelar os cavalos à charrete para voltarem para casa. Queria chegar em casa com a luz do dia. Assim que o marido saiu para o estábulo, na com-

panhia do pai, Dona Amélia convocou as crianças para ajudar juntar todas as coisas, que estava na hora de voltarem para casa. Em pouco tempo os dois retornaram, encontraram tudo arrumado, imediatamente Sr. Altamiro começou se despedir dos parentes, o que foi imitado pela esposa e as crianças, pegaram todas as malas, acompanhados por todos, levaram até a charrete, Sr. Altamiro as colocaram no bagageiro, todos embarcaram, Sr. Altamiro tomou as rédeas, soltou os freios, que acionados travavam as rodas, e saíram em direção a estrada, acenando com as mãos para os que ficaram. As festas de final de ano haviam encerrado, agora voltariam para a rotina do dia a dia. Certamente ao final do mês receberiam a casa, a volta de Dona Avelina, para dar início a mais um ano letivo. E com certeza Sr. Altamiro resolveria o problema, que segundo ele, era de sua competência resolver.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 14/05/2026.

Um Imprevisto com Dona Amélia

A tarde daquele mesmo dia, Ana Clara revelou a mãe em detalhes, a conversa que manteve com a cunhada, e ficou inconformada com o que ouviu dela, sobre suas intimidades com o marido. Dona Florinda concluiu que estava certa em suas observações, o casamento do filho não ia nada bem. Disse a filha que dificilmente um casamento sobrevive se o casal não mantiver vida sexual ativa e estável. Dona Florinda por sua vez, confessou a filha que contava com quase sessenta anos de idade, e o marido com

mais de sessenta anos, e nunca perderam seus interesses sexuais um pelo outro. O que estava acontecendo com o filho Altamiro, que tinha apenas trinta e cinco anos, e a nora Amélia com trinta e três anos, não era normal, era caso de procurar ajuda médica imediatamente, se quisessem salvar o casamento deles. Ana Clara nunca antes tivera com a mãe, esse tipo de conversa, mas ficou satisfeita pelos esclarecimentos que recebeu.

Ainda era dia quando a charrete de Sr. Altamiro, trazendo sua família chegou à casa grande da Fazenda Bioso, as crianças em correria já foram adentrando a casa, Rani e Vani foram até a charrete, cumprimentaram os patrões, e começaram levar as malas para dentro, Sr. Altamiro ficou desatrelando os cavalos, logo chegou Sr. Messias para ajudar. Conversaram um pouco, depois Sr. Altamiro foi para casa. Dona Amélia encontrou tudo limpo e bem arrumado, o jantar nas panelas sobre o fogão a lenha, todos foram banhar para depois jantar. Desde que Rani e Vani chegaram a Fazenda Bioso, Dona Amélia permitia que elas sentassem à mesa com eles para as refeições. Todos sentaram à

mesa para jantar, depois como sempre faziam, Rani e Vani foram cuidar da limpeza da cozinha, Dona Amélia permaneceu conversando com elas, Sr. Altamiro foi para seu quarto.

Cansados da viagem, todos foram se deitar mais cedo, Rani deliberou que aguardaria orientações do patrão, enquanto ele não se manifestasse, não iria a seu quarto. Ele a esperou, como não apareceu, apagou a lamparina e foi dormir. Rani ficou rolando na cama sem conseguir dormir, mil pensamentos passavam pela sua cabeça. A decisão de se meter nessa situação foi sua, agora começava sofrer as consequências, só em pensar na possibilidade dele não mais querer continuar, a martirizava. Caso não cumprisse o que havia prometido, certamente a decepcionaria, mas não poderia fazer nada, era uma simples escrava, propriedade de Sr. Altamiro e de Dona Amélia, sentia como se fosse um objeto ou um animal de serviço, usada ao bel prazer, quando dela precisassem. Vani dormia tranquila, não tinha com que se preocupar, ao contrário dela, sua mente e seu coração estavam comprometidos. Não saberia dizer quanto tempo ficou divagando, nem percebeu quando adormeceu,

seu sono foi povoado de sonhos desagradáveis, acordou com o cantar dos galos, era ainda muito cedo, estava cansada como se não tivesse dormido, ficou acordada esperando a hora de levantar, para começar mais um novo dia de trabalho.

Quando Sr. Altamiro estava tomando o café, por um momento Rani ficou sozinha com ele, então ele perguntou em voz baixa: — Porque não foi em meu quarto, a noite passada?

— Fiquei com medo, não sabia se podia ir. Me espere essa noite, precisamos conversar, estou preocupada.

— Vou te esperar.

Ouviram passos vindo em direção a cozinha, Rani foi até a pia, Dona Amélia chegou toda feliz, cumprimentou o marido e Rani, com um bom dia. Sentou à mesa, colocou café na xícara, pegou uma broa, comeu um pedaço pequeno, e disse: — Sabe que estava com saudade de seu café, e dessa broa que você faz tão bem Rani.

Rani perguntou meio encabulada: — Verdade Dona Amélia? O que a Senhora comia de manhã lá na casa de Dona Florinda?

— Comia pão, biscoito, bolo, broa, mas nada tão boa como essa broa de fubá de milho, feita por você e Vani.

Sr. Altamiro fez o seguinte comentário: — Falando em café da manhã, mamãe exagerou no café da manhã do primeiro dia do ano. Não sei para que fazer tantas variedades de coisas.

Rani, olhando para o patrão, corroborou dizendo: — Mas lá todo primeiro dia do ano é assim, me lembro que Dona Florinda, fazia questão de servir um banquete no café da manhã.

Dona Amélia perguntou a Rani: — Você tem saudade dos tempos que morava lá?

— Eu tenho, mas aqui também é bom. Eu sinto mais, é saudade das pessoas de lá.

Dona Amélia lembrou e disse: — Coronel Gastão prometeu, que antes do início da colheita do café, vai vir aqui com Dona Florinda passar uns dias, para ela conhecer, e ver o cafezal.

— Isso vai ser muito bom.

Sr. Altamiro pegou o chapéu e saiu, Dona Amélia voltou para o quarto, Rani ficou pensando “não é todo dia que Dona Amélia

conversa, como conversou hoje, será porque está tão feliz”?

As crianças levantaram, tomaram café, depois foram para o quarto brincar. Enquanto Vani se ocupava com a limpeza da casa, Rani tirava a mesa, e começava preparar o almoço, pensando o que falaria ao patrão à noite. Às dez horas Sr. Altamiro chegou com a carriola, para levar o almoço aos trabalhadores no cafezal. Retornou depois das onze horas para almoçar, Rani já havia servido as crianças, que almoçavam sentados à mesa. Perguntou por Dona Amélia, Rani respondeu: — Depois do café da manhã, foi para seu quarto e não mais saiu.

— Vou chama-la para almoçarmos.

Não passou dois minutos voltou assustado, disse: — Amélia está dormindo, a chamei não respondeu, coloquei a mão em seu rosto, está queimando em febre. Ela não disse nada a você?

— Não Senhor, como eu disse, não a vi mais, depois que tomou o café.

Rani foi até o quarto, ela ainda dormia, constatou que estava quente, como disse o patrão, voltou rapidamente com Vani, disse ao patrão: — Vamos

fazer um chá bem forte de ervas, quem sabe a febre passa.

— Estava aqui pensando. Talvez devesse leva-la com a charrete, até a Vila de Batatais, dizem que lá agora tem um médico. O que vocês acham?

— Acorde ela, para saber o que está sentido. Dê a ela aguardente alemã, enquanto faço o chá.

Sr. Altamiro voltou ao quarto em companhia de Vani, a sacudiu, ela acordou, perguntou o que estava sentido. Dona Amélia respondeu com dificuldade: — Parece que estou tonta, minha cabeça está doendo.

— Rani está fazendo um chá, você não quer se levantar?

— Não sei se consigo, vou tentar.

Dona Amélia sentou na cama, Vani entregou ao patrão, um pequeno frasco com aguardente alemã, ele abriu, pediu que ela tomasse. Ela tomou, logo em seguida teve um acesso de tosse e vômito, assim que cessou, ele perguntou: — Você não acha que devemos ir ao médico, dizem que a Vila de Batatais, agora tem um médico?

— Acho que não aguento ir até lá.

Rani entrou no quarto trazendo o chá de ervas, ainda quente. Colocou em uma xícara, deu para que bebesse, ela tomou, voltou se deitar. Rani disse: — Vamos esperar um pouco.

Sr. Altamiro saiu dizendo: — Vou atrelar os cavalos à charrete.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 16/05/2026.

A Enfermidade de Dona Amélia

As duas mucamas ficaram sentadas ao lado da cama, observando a patroa, que parecia recomeçar dormir. Passada meia hora, Sr. Altamiro retornou, perguntou: — Como ela está?

Rani respondeu: — Voltou dormir, mas ainda está quente. O Senhor poderia ir almoçar, quem sabe a febre passa, e ela melhora.

— A charrete está pronta, vou almoçar, se a febre não baixar, vou leva-la.

— Vani, fique aqui com ela, vou ver as crianças e servir Sr. Altamiro.

Os dois saíram em direção à cozinha, as crianças já haviam almoçado, estavam brincando no quarto, Rani colocou as panelas, prato e talheres sobre a mesa, depois foi até a janela e começou chorar.

Sr. Altamiro disse: — Não precisa chorar, não deve ser nada sério, logo estará boa. Engraçado, hoje pela manhã parecia estar bem e feliz, não reclamou de nada. Inclusive ia dizer a ela, que a noite tinha um assunto para conversar. Ainda bem que não disse nada.

— Vou até o quarto, vamos ajuda-la colocar uma roupa mais condizente, e separar outras para levar, nunca se sabe.

Sr. Altamiro não disse nada, continuou almoçando e pensando. “Coisa estranha essa febre repentina em Amélia, sempre foi muito saudável, quase nunca fica doente”. Terminou de almoçar, foi até o quarto da esposa, percebeu que estava trancada, bateu levemente, Vani respondeu: — Estamos trocando a roupa de Dona Amélia.

Sr. Altamiro deduziu que a esposa não havia melhorado, foi até seu quarto, vestiu outra roupa, separou outras para levar, pegou sua carteira que continha dinheiro e os documentos, quando voltou a porta estava aberta, Rani disse a ele: — Dona Amélia não consegue caminhar até à charrete.

— Vou chamar alguém para ajudar-me levar até à charrete.

Saiu, logo retornou com os três escravos que havia ganhado do pai, deitaram Dona Amélia em uma rede, com muito cuidado levaram, e a deitaram sobre um colchão na charrete. Sr. Altamiro disse aos homens, caso ele não retornasse, para um deles, levar o almoço para os trabalhadores no cafezal, despediu de todos, subiu na charrete, e saiu em direção a Vila de Batatais, justamente onde moravam os pais de Dona Amélia.

Os escravos queriam saber, o que havia acontecido com a patroa, Rani emocionada, quase chorando, tentou explicar a eles, que Dona Amélia estava bem de manhã, quando o patrão chegou para almoçar, percebeu que estava deitada em sua cama, com muita febre. Os homens

entenderam, agradeceram e voltaram tristes para o que estavam fazendo.

Rani e Vani acalmavam as crianças, que estavam chorando. Dizendo que a mãe tinha ficado doente, o pai a havia levado ao médico, mas logo a traria de volta, completamente curada. Que não precisassem chorar, elas cuidariam deles até a mãe voltar.

À tarde quando os trabalhadores chegaram do cafezal, na presença do feitor Sr. Messias, Rani os reuniu e explicou o acontecido, e repassou as orientações deixadas por Sr. Altamiro, relativo aos trabalhos. Todos se comoveram com a enfermidade repentina de Dona Amélia.

Não obstante ter sido uma viagem tranquila, ao começo da tarde Sr. Altamiro parou a charrete em frente à casa de sua sogra, bateu palmas, Dona Narcisa apareceu e se assustou ao reconhecer o genro, mais assustada ficou, quando viu a filha deitada em um colchão sobre a charrete. Sr. Altamiro explicou o acontecido, perguntou o endereço do médico. Dona Narcisa disse onde se localizava, imediatamente se dirigiu até lá. Dr. Antonio era um médico experiente, clínico geral, veio até a charrete para observar Dona

Amélia, ali mesmo aferiu sua pressão arterial, constatou que estava elevada, os enfermeiros a retiraram da charrete, sobre o colchão a levaram para o interior do prédio, no quarto a colocaram sobre uma cama.

Dr. Antonio alugou essa casa residencial espaçosa, e fez dela um pequeno hospital. Ali às vezes mantinha internado alguns pacientes para serem medicados e observados. No quarto o médico fez um exame mais detalhado, com exercícios dos membros superiores e inferiores. Em seu diagnóstico preliminar, suspeitou que Dona Amália havia sofrido um pequeno aneurisma cerebral, requeria tratamento e cuidados especiais. Sr. Altamiro pediu ao médico que explicasse, o que isso significava. Dr. Antonio explicou com calma, que possivelmente, uma artéria do cérebro de Dona Amélia, havia sofrido dilatação, formando uma espécie de pequena bolha de sangue, caso se rompesse, geraria um AVC (Acidente Vascular Cerebral), conhecido como “derrame cerebral” o sangue se espalharia pelo cérebro, podendo ocasionar a paralisação dos membros, comprometer a fala, e até levar a óbito.

Sr. Altamiro entendeu que o caso era grave, quis saber, quanto tempo Dona Amélia precisaria ficar em observação. O médico disse a ele, que o recomendável seria no mínimo três dias, o quadro poderia regredir como também progredir, nesse último caso, seria necessário remove-la para um hospital com mais recursos, Ribeirão Preto seria o local mais próxima, menos de cinquenta quilômetros.

O médico perguntou a Sr. Altamiro se ela havia tomado algum remédio. Disse ao médico que haviam dado para tomar, aguardente alemã, e chá de ervas. O médico sorriu discretamente, e disse: — O que deram para ele tomar, pode não ter feito bem, mas mal também não fez. Vou instruir os enfermeiros para que a mediquem corretamente. O Senhor pode permanecer aqui no quarto ao lado de sua esposa.

Depois saiu.

Rapidamente vieram dois enfermeiros, aplicaram uma injeção, deram remédio via oral, colocaram soro fisiológico, para correr na veia de seu braço, para auxiliar na hidratação, depois saíram. Sr. Altamiro sentou em uma cadeira, ficou desolado e pensativo “ficar sentado nessa cadeira não será fácil, haverei

de encontrar uma maneira e voltar para casa”. Enquanto pensava, observava o gotejamento vagaroso, certamente o líquido daquele frasco demoraria uma eternidade para acabar. Lembrou-se dos cavalos na charrete, precisava encontrar um estábulo para guardar a charrete e deixar os dois animais. Levantou da cadeira, saiu do quarto sem que Dona Amélia percebesse, ao passar pela portaria, avisou que iria soltar os cavalos logo voltaria. Não foi difícil encontrar uma estalagem, onde havia abrigo, água e alimentos à vontade para os cavalos. Retornou ao hospital, ao entrar no quarto percebeu Dona Narcisa sentada na cadeira que ocupava antes. Perguntou e disse a ela:

— Faz tempo que a Senhora chegou? Fui arrumar um local para deixar a charrete e os cavalos, o médico disse que Amélia deverá permanecer internada por três dias.

Dona Narcisa, respondeu a ele dizendo: — Cheguei não faz meia hora. Aqui está a chave da porta, vá até a nossa casa, tome um banho, jante, deite e descanse um pouco, ficarei aqui com Amélia até você voltar.

— Vou fazer isso, à noite estarei de volta.

Antes de sair, aproximou da esposa, observou e percebeu que estava dormindo, perguntou à sogra:
— Quando a Senhora chegou, conversou com ela?
— Conversei um pouco, me pareceu meio confusa, fechou os olhos, logo dormiu.
— Então estou indo, logo eu volto.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 17/05/2026.

Início de Ano Complicado

A noite na Fazenda Bioso, as crianças reclamavam a ausência dos pais, principalmente da mãe, Rani para agradá-las, disse que dormiria com elas no quarto. Todos concordaram e foram dormir. Deitada em uma cama com a caçula Suelen, Rani pensava em tudo que havia acontecido, se perguntando “Como estaria Dona Amélia, se havia melhorado ou não”. Relembrou que Sr. Altamiro disse, que naquela noite pretendia falar com a esposa, “O que teria acontecido caso ela não tivesse adoecido”. Mas certamente as coisas não

acontecem ao acaso, talvez aquela não seria a melhor hora. E se por uma fatalidade Dona Amélia viesse falecer? Como Sr. Altamiro reagiria? Não, era melhor não pensar essas coisas, sinceramente, não desejava a morte de Dona Amélia, tinha aquelas três crianças, que a amavam e necessitavam dela. Quanto ao seu futuro, seria como Deus quisesse, o que poderia esperar do futuro, uma mucama escrava como ela?

Pensando assim adormeceu. Ao contrário da noite anterior, naquela noite só teve bons sonhos. Sonhara que era uma mulher livre, esposa de Sr. Altamiro e mãe de muitos filhos. Estavam à época da colheita do café, ela, o marido e as crianças, trabalhavam ajudando os escravos na colheita. E todos estavam muito felizes. Acordou novamente com o cantar dos galos, mas o dia estava amanhecendo, ouviu que Vani, já estava na cozinha preparando o café. Levantou com cuidado para não acordar as crianças, foi até o quarto de Sr. Altamiro, certificar-se de que não havia voltado, pensando consigo mesmo “Onde estariam ele e Dona Amélia, naquele momento”?

Chegou à cozinha, cumprimentou a irmã, que estava sentada à mesa tomando café, sentou ao seu

lado, colocou café na xícara, pegou uma broa de milho, lembrou de Dona Amélia, que no dia anterior, a essas horas, estava bem, tomando café e elogiando as broas que ela e Vani faziam. Então perguntou a irmã: — Será que Dona Amélia melhorou ou piorou?

— Deve já ter melhorado, deve estar na casa da mãe, logo devem estar chegando aqui.

— Vou começar preparar o almoço mais cedo, ainda bem que a despensa está suprida. Qual dos três virá, para levar o almoço aos trabalhadores no cafezal?

— Se for o Oton, deixe que eu coloco as matulas na carriola.

— Não sabia que você se interessava pelo Oton.

— Para dizer a verdade, ainda não me interessa, mas gosto do jeito que ele me olha.

— Está bem, se ele vier, você leva as matulas até a carriola. Se vier outro, você leva do mesmo jeito.

Como já dissemos, Rani cuidava dos serviços da cozinha, Vani se ocupava com a limpeza da casa, e a lavagem de roupas, o tanque e o batedor de roupas, se localizavam na área externa no fundo da casa.

Quando Sr. Altamiro ia levar o almoço no cafezal, Oton gostava de espionar Vani lavando as roupas, ela tinha conhecimento, mas até então, não tinha falado a ninguém.

Dos três escravos que Sr. Altamiro ganhou do pai, quando veio morar na Fazenda Bioso, Oton era o mais jovem, muito comportado e trabalhador, apesar de ser muito tímido, sempre sentiu uma certa atração por Vani, que disfarçadamente fingia que o ignorava. Quando um escravo se interessava por uma escrava, e fosse aceito por ela, poderiam namorar, com o consentimento do patrão. Caso o namoro progredisse poderiam se casar, nesse caso, receberiam do patrão uma casa para morar, com toda privacidade. Os filhos do casal, passavam ser igualmente, propriedade do patrão. “Isso antes da promulgação da Lei do ventre livre”. No caso em pauta, a Lei do ventre livre, já havia sido sancionada, se Oton e Vani resolvessem se casar um dia, isso se Sr. Altamiro consentisse, seus filhos nasceriam livres, mas continuariam sob a tutela dele, a esses tutelados, segundo o Google, eram denominados “ingênuos”.

As dez horas, como de costume, Oton parou a carriola próximo à varanda do fundo, Vani saiu à porta, e disse: — Espere um minuto, já estou levando as matulas.

Ele a cumprimentou com um sorriso, e disse: — Não tenho pressa.

Primeiro Vani levou as panelas envoltas em pano, com as comidas, depois buscou os pratos e os talheres, também envoltos em pano, assim que terminou, sorriu para ele, como dissesse, agora pode ir. Oton timidamente retribuiu o sorriso, e saiu com a carriola em direção ao cafezal, estava emocionado, era a primeira vez que Vani sorria para ele.

Assim que o dia amanheceu Dr. Antonio foi até o quarto onde estava Dona Amélia, encontrou Sr. Altamiro deitado no colchão que foi usado para transportar Dona Amélia na charrete. Ele levantou meio sonolento e cumprimentou o médico. Depois de examinar minuciosamente a paciente, aproximou de Sr. Altamiro, e disse: — É meu dever ser sincero com o Senhor, manter Dona Amélia internada aqui, seria um risco que não gostaria correr. Recomendo que ela seja transferida, o mais rápido

que puder para um hospital, onde possa ser melhor avaliada. Temos aqui um Senhor que presta serviço de transporte, sua carruagem é bem equipada e confortável, ele é eficiente e rápido, quanto mais protelarmos, mais risco corremos.

Sr. Altamiro perguntou onde morava esse Senhor, ele explicou. Imediatamente Sr. Altamiro foi até o endereço, que coincidentemente era onde estavam hospedados seus cavalos. Sr. Bento se prontificou para transportar imediatamente. Antes de voltar ao hospital, passou na casa do sogro Sr. Eusébio, comunicou a ele e a Dona Narcisa, que o médico havia recomendado a transferência da esposa para um bom hospital. Os sogros o acompanharam até o hospital local, para ver e se despedirem da filha.

Como disse Dr. Antonio, o transporte de Sr. Bento era mesmo eficiente, rapidamente Dona Amélia foi levada pelos enfermeiros, colocada sobre uma cama confortável, no interior da carruagem. Antes de saírem, Dr. Antonio entregou ao Sr. Altamiro alguns papéis, espécie de prontuário médico, onde constavam os procedimentos efetivados ali naquele curto

período, e algumas observações. Sr. Altamiro subiu a carruagem, sentou ao lado de Sr. Bento, que era o condutor, saíram em marcha acelerada, deixavam a Vila de Batatais em direção a Ribeirão Preto.

Antes de sair Sr. Altamiro pediu ao sogro, mandar um mensageiro até a Fazenda Bioso, comunicar a Rani e Vani, que fora necessário levar Dona Amélia a um bom hospital em Ribeirão Preto, provavelmente ficariam fora alguns dias. Recomendava, para cuidarem devidamente das crianças. E se possível, pedir ao mesmo mensageiro, ir até a fazenda do pai, comunicar o acontecido, mas que não se preocupassem, tudo haveria de dar certo.

Assim que saíram do hospital, Sr. Eusébio foi abrir seu comércio, Dona Narcisa um pouco angustiada, voltou para casa. Ao chegar ao seu empório, Sr. Eusébio pediu a um de seus funcionários, que alugasse uma charrete, e fosse fazer o que o genro pediu.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 19/05/2026.



A Visita de um Mensageiro

Quando Oton estava a caminho do cafezal com a carriola, levando o almoço, encontrou uma charrete, o funcionário de Sr. Eusébio parou o animal, e perguntou: — Você sabe me dizer, se é aqui a Fazenda do Sr. Altamiro de Miranda?

— É aqui mesmo, mas ele não se encontra.

— Estou sabendo, vim trazer um recado dele às mucamas.

Logo a charrete parou em frente à casa. Os cachorros começaram latir, Rani e Vani saíram para

ver, gritaram com os cachorros, e foram até próximo à charrete, o rapaz não havia decidido com medo dos cachorros, assim que os cachorros pararam de latir e se afastaram, o rapaz disse: — Meu nome é Gilmar, sou funcionário de Sr. Eusébio, sogro de Sr. Altamiro, pediu-me para trazer um recado de vosso patrão a vocês.

Rani disse: — Pode descer, os cachorros não são bravos não.

Gilmar desceu da charrete, amarrou o cavalo em um poste da cerca, veio até onde elas estavam, e deu o recado conforme Sr. Eusébio o orientou, as duas abaixaram a cabeça, demonstrando pesar. Depois Rani disse, e perguntou: — Meu nome é Rani, essa é minha irmã Vani, somos mucamas de Dona Amélia. Você não quer entrar e almoçar, ainda não almoçamos, a comida está quente sobre o fogão.

— Como ainda não almocei, e devo chegar de volta bem tarde, se não for nenhum incômodo, vou aceitar o almoço e tomar água.

Gilmar acompanhou as duas moças, elas insistiram que ele entrasse na cozinha para se servir. Um pouco constrangido acabou entrando, pegou um

prato foi até às panelas sobre o fogão e se serviu, quando ia saindo com o prato nas mãos para a varanda, disseram que poderia sentar-se à mesa, elas e as crianças também iriam almoçar. Gilmar um pouco mais à vontade se sentou. Rani e Vani fizeram os pratos das crianças, depois se serviram e sentaram para almoçar.

Gilmar comeu um pouco, perguntou: — Qual de vocês é a cozinheira?

Rani respondeu: — Sou eu, a comida não está boa?

— Perguntei, porque estou achando a comida muito boa.

— Obrigado, você deve estar mesmo com fome.

— É verdade, mas a comida está muito boa mesmo. Vocês conhecem a fazenda do Coronel Gastão?

— Conhecemos, a gente morava lá, antes de mudarmos para essa fazenda.

— Amanhã vou até lá, avisar que a esposa de Sr. Altamiro, está doente, e precisou ser levada para Ribeirão Preto.

Rani perguntou ao rapaz: — Você saberia dizer, qual é o problema de Dona Amélia, que precisou ser levada para Ribeirão Preto?

— Não sei dizer, Sr. Eusébio disse que o médico pediu que a levasse. Talvez fiquem por lá alguns dias.

— Você não ouviu dizer nada, se o problema dela é grave ou não?

— Infelizmente só sei, o que Sr. Eusébio pediu para dizer. Agora que já almocei, tomei água, vou embora, com tantas porteiras para abrir, vou chegar lá somente ao entardecer. Muito obrigado pelo almoço, pela conversa, foi um prazer conhecer vocês duas e também as crianças.

— Me desculpe se falei alguma coisa que não devia. Obrigado por ter vindo nos avisar.

Gilmar se despediu, pegando nas mãos delas e das crianças, foi até a charrete, desamarrou o cavalo, e voltou pelo mesmo caminho de onde veio. Anastácio o filho mais velho de Sr. Altamiro, perguntou o que o rapaz queria. Rani mentiu, dizendo para todos eles, que o pai tinha pedido para o rapaz vir dizer, que a mãe estava quase boa, e logo voltariam para casa.

Assim que Oton chegou do cafezal, trazendo as matulas vazias do almoço, perguntou a Vani o mes-

mo que o menino Anastácio, havia perguntado à irmã. Vani disse a ele a verdade, tudo que ouviram do rapaz. Oton fingiu ter ficado triste, por que em verdade, gostaria que o patrão ficasse ausente um bom tempo, estava gostando da tarefa de levar almoço para os trabalhadores, era a oportunidade que tinha de aproximar-se de Vani todos os dias, e falar algumas coisas a ela.

Aquele restante de dia, enquanto trabalhava, Rani não conseguia deixar de pensar em Sr. Altamiro e Dona Amélia, a doença é um algoz que vem para nos fazer sofrer, mas o sofrimento é uma forma de testar nossa resignação e resistência, quando o superamos, nos tornamos mais fortes. Sempre nos faz refletir sobre a fragilidade da vida. Não obstante o casamento de Sr. Altamiro e Dona Amélia estivesse a algum tempo atravessando momentos de crises, ele estava ao seu lado, para ajudar vencer o algoz ameaçador.

Apesar das dificuldades, devido à época, todas estradas ser de terra batida, mês de janeiro muito chuvoso, lamas, atoleiros e poças de água, o transporte de Dona Amélia, de Vila de Batatais ao

hospital, na pequena cidade que à época era Ribeirão Preto, transcorreu sem nenhum problema. A distância de quase cinquenta quilômetros, foi vencida em algumas horas, graças a eficiência dos cavalos e da carruagem de Sr. Bento.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 20/05/2026.

As Dificuldades de Cada Época

Aproximadamente ao meio dia, a carruagem de Sr. Bento chegou ao pátio de um casarão antigo, onde funcionava uma espécie de hospital, ali eram internados somente os pacientes em estado mais grave, vindos das regiões próximas, os doentes da cidade eram tratados em suas próprias casas. Imediatamente Dona Amélia foi levada pelos enfermeiros, até um dos quartos, onde existiam duas camas. Um clínico geral chamado Dr. Humberto veio examina-la, depois recebeu de Sr. Altamiro os papéis enviados por Dr.

Antonio. Depois de verificar as informações do colega, orientou os enfermeiros que a medicassem, pediu a Sr. Altamiro que o acompanhasse até sua sala, assim que entraram, pediu que se sentasse. Então disse:

— O meu parecer sobre o quadro de saúde de Dona Amélia, é o mesmo diagnosticado por Dr. Antonio, sua esposa sofreu um aneurisma cerebral, com possibilidade de evoluir para um AVC, mas acreditamos que o quadro se encontra estabilizado. Consideramos que a decisão de remove-la, foi uma ação preventiva acertada. No caso de agravamento ela não resistiria a viagem, aqui dispomos de mais recursos de medicamentos e equipamentos, para essa eventualidade, mas acreditamos que isso não vai acontecer. Ela deverá permanecer aqui em observação e tratamento, até que essa possibilidade esteja afastada. Como o Senhor pode ver, no quarto existe uma cama extra para o acompanhante. O Senhor poderá fazer suas refeições, em nosso refeitório que fica lá nos fundos, o custo desse serviço está incluso no preço da diária. O Senhor gostaria perguntar alguma coisa?

— Gostaria saber se minha esposa corre algum risco de vida?

— Essa é uma pergunta muito relativa. Todos que estamos vivos corremos risco de morrer, mas a fase mais crítica Dona Amélia já superou. Acreditamos, como já dissemos, isso não vai acontecer, logo estará recuperada, só então poderão voltar para casa.

Depois dessa conversa com o médico, Sr. Altamiro, entendeu que seu retorno para casa, não seria tão rápido. Mas o fato de o médico considerar, que a fase mais perigosa, a esposa havia passado, lhe devolveu a esperança, que tudo acabaria bem. Foi até onde estava Sr. Bento, com sua carruagem, explicou a situação, que ele poderia retornar. Quando a esposa recebesse alta, que não saberia dizer quando seria, eles voltariam, então passaria em sua casa para pegar a charrete e os cavalos, e acertaria o que estava devendo.

Sr. Bento disse a ele que não se preocupasse, seus cavalos seriam muito bem cuidados, durante o tempo que lá permanecessem, o importante era a recuperação de Dona Amélia. Acrescentou que

assim que chegasse, iria até o empório de Sr. Eusébio, e repassaria a ele essas últimas informações. Se despediu, subiu em sua carruagem, acenou e saiu lentamente em direção à estrada que o levaria de volta.

Sr. Altamiro voltou para o quarto, onde estava a esposa, observou que ela dormia, sentou em uma cadeira e ficou pensando: “Justamente agora que pretendia dar outro sentido a sua vida, aconteceu tudo isso. Como estariam todas as coisas lá na Fazenda Bioso? Os filhos, os trabalhadores, e principalmente Rani”. O que estaria ela pensando a respeito do acontecido? Haveria de entender que era obrigação dele, acompanhar a esposa, e fazer tudo ao seu alcance, para que ela recuperasse sua saúde. Depois que tudo voltasse ao normal, realizaria o que havia deliberado fazer.

No dia seguinte, Gilmar foi até à fazenda do Coronel Gastão, avisa-los do acontecido com Dona Amélia. Foi na mesma charrete usada no dia anterior, o proprietário achou melhor substituir o animal, para que descansasse. Os pais de Sr. Altamiro o receberam muito bem, mas ficaram

preocupados, quando souberam o motivo daquela visita. O fato de a nora ter sido transferida para Ribeirão Preto, sinalizava que o caso não era tão simples. Agradeceu a Gilmar por ter ido até lá avisá-los, e o convidou para almoçar, como estava no horário, não perdeu a oportunidade. Pediu a Gilmar, que dissesse ao Sr. Eusébio que no dia seguinte, ele e a esposa Dona Florinda, iriam até a Vila de Batatais, os visitariam e conversariam melhor sobre o que estaria de fato acontecendo, se possível fariam com Dr. Antonio, para saber mais detalhes, do real estado de saúde da nora. Não entendia como ficou doente assim de repente, se ela e as crianças ficaram a última semana do ano, ali na casa deles, estavam todos saudáveis e felizes.

Conforme havia planejado, no dia posterior, Coronel Gastão levantou cedo, atrelou um cavalo à charrete, acompanhado da esposa foram a Vila de Batatais, encontraram os pais de Dona Amélia igualmente preocupados. Segundo informações de Sr. Bento, o médico não saberia informar, quanto tempo Dona Amélia necessitaria permanecer em tratamento. Os dois casais impotentes, diante das dificuldades

daquela época, não tinham nada a fazer, a não ser, rezar e esperar que tudo terminasse bem.

Faz-se oportuno lembrar, que estávamos no ano de 1872, os primeiros automóveis motorizados começariam chegar ao Brasil na virada do século, os veículos existentes à época eram todos tração animal. O mesmo podemos dizer do telefone, apareceriam somente na última década daquele século, isso somente nas maiores cidades do país. O rádio surgiria somente na terceira década do século seguinte. A cidade de Ribeirão Preto foi fundada em 1856, O primeiro Hospital, foi a Santa Casa de Misericórdia, inaugurada no ano 1896. A época a qual reportamos, 1872, Ribeirão Preto contava com apenas esse pequeno hospital. Quanto as estradas de ferro, já estava em atividade alguns trechos na região, a malha ferroviária se encontrava em franca expansão, os trens seriam usados para transportar até o porto de Santos, a enorme produção de café, que aumentava a cada ano em toda região. (Informações retiradas do Google)

Temos reiterado diversas vezes, sobre a Lei do Progresso, à medida que a humanidade se desen-

volve moral e intelectualmente, com as descobertas e as invenções, ocorrem as mudanças tecnológicas, o mundo vai se transformando, a população vai aumentando. As Leis vão sendo atualizadas e modernizadas, em tese, tornando mais justas, os direitos e os deveres mais igualitários. O modo de vida e os costumes vão se modificando, antigas dificuldades desaparecem, para dar lugar às novas dificuldades.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 21/05/2026.



Dos Males, o Menor

Enquanto Sr. Altamiro não retornava com a esposa. Oton continuava levando o almoço todos os dias, e sua timidez com Vani desaparecendo a cada dia. Os dois conversavam, brincavam e trocavam alguns sorrisos. Depois de uma semana, Rani percebeu que a maneira deles se relacionarem, estava progredindo rápido demais. Conversando com Vani sobre esse assunto disse: — Particularmente não tenho nada contra vocês namorarem, mas acho melhor esperarem Sr. Altamiro chegar, para autorizar vocês namorarem.

Vani parece não ter gostado do conselho da irmã, não disse nada, e continuou se insinuando para Oton, fazendo aumentar ainda mais seu fascínio por ela. Caso quando Sr. Altamiro voltasse, soubesse e viesse proibir, certamente provocaria grave problema, por que era visível a paixão de Oton por Vani, e a cada dia ela demonstrava também interessar-se por ele. Não obstante esses relacionamentos entre escravos, serem normais e muito comuns, necessitava da anuência do proprietário para ser consumado.

E os dias foram se sucedendo um após o outro, faziam quinze dias que Sr. Altamiro estava ausente. Os mantimentos das despensas da casa grande e da senzala, haviam escasseado sensivelmente. Rani preocupada com falta de notícias, do estado de saúde de Dona Amélia. À noite conversando com Vani deliberou:

— Amanhã vamos levantar bem cedo, fazer o almoço, depois vou até à casa do vizinho, pedir sua charrete emprestada, vou até à cidade fazer compras, ou não teremos mais como fazer comida para os trabalhadores. Você fica cuidando da casa e olhando as crianças.

Vani ficou chocada com a decisão da irmã, cogitou: — Não seria melhor que o feitor Sr. Messias fizesse isso? Você não será capaz de ir à cidade, sozinha com a charrete.

— Não, Sr. Messias tem que cuidar do trabalho e dos trabalhadores. Eu irei sozinha à Vila, com a charrete do vizinho, fazer compras e saber notícias de Dona Amélia. Quanto conduzir a charrete, lá na fazenda do Coronel Gastão, cansei de conduzir a charrete deles. Fui diversas vezes levar Dona Florinda a Vila. Agora vamos dormir.

No dia seguinte, Rani levantou bem cedo, começou trabalhar, assim que o almoço ficou pronto, foi até seu quarto, vestiu um lindo vestido florado que ganhou de Dona Amélia, avisou a irmã que já estava indo. Foi caminhando até a casa do vizinho, pediu a charrete emprestada, explicou o que estava acontecendo. O vizinho muito prestativo não questionou, atrelou o cavalo à charrete, e disponibilizou a Rani. Ela agradeceu, subiu a charrete, tomou as rédeas e saiu em direção ao Vilarejo. Antes do meio dia, chegou à Vila de Batatais, se informou onde ficava o empório de Sr. Eusébio, foi até lá, amarrou

o cavalo em lugar apropriado, e foi até o armazém, assim que entrou foi reconhecida por Gilmar, que a recebeu com um sorriso, e a levou até a presença do patrão. Rani explicou a ele a situação, Sr. Eusébio pediu a ela que fosse falando o que necessitava, os funcionários iam buscando as mercadorias nas prateleiras, enquanto ele ia anotando em uma caderneta. Assim que terminou de dizer o que precisava, os funcionários levaram tudo, acomodaram no bagageiro da charrete. Antes de sair perguntou ao Sr. Eusébio, se tinha notícias de Sr. Altamiro e Dona Amélia. Sr. Eusébio explicou:

— Temos sim, Coronel Gastão foi visita-los lá em Ribeirão Preto, retornou a dois dias, trazendo boas notícias, disse que Amélia está recuperada, fora de perigo, vai receber alta médica na sexta-feira, só então voltarão. Disse que o filho está muito preocupado, com o que poderia estar acontecendo lá na Fazenda. Como você está me dizendo que lá está tudo em ordem, vai ficar feliz quando chegar.

— Graças a Deus estão voltando. Como disse, a única coisa que aconteceu foi os mantimentos terem acabado, mas agora estou levando o suficiente

para mais quinze dias. Eles chegarão à fazenda na sexta-feira?

— Acho que não, mas com certeza no sábado. Deverão chegar aqui na sexta-feira à tarde, pousarão lá em minha casa, no sábado pegam os cavalos e a charrete, e vão embora. Eu falo a eles que você esteve aqui, para fazer as compras.

— Obrigado Sr. Eusébio, agora vou voltar para casa mais tranquila. Despediu-se do comerciante e de seus empregados, e saiu em direção onde o cavalo com a charrete estava amarrado.

Todos que estavam no empório, ficaram olhando admirados para aquela moça morena, muita bonita, sem saber exatamente se era livre ou escrava. Mas uma coisa todos perceberam, era uma jovem muito bonita e determinada.

Entre os presentes estava Coronel Azevedo, um homem muito rico, sua Fazenda tinha centenas de milheiros de pés de café, em produção, dono de dezenas de escravos, ostentava a fama de carrasco, por ser muito severo, por essa razão, convivia com frequentes problemas e fugas de escravos. Coronel Azevedo era um Senhor cinquentenário, casado,

pai de muitos filhos, mas muito afeito a relacionamentos com mulheres promíscuas, a conversa que também circulava, que ele tinha o hábito de se envolver com escravas, muitas vezes contra a vontade delas, abusava fazendo uso da força e de violência, por essa razão, a fama de carrasco dos escravos. Assim que Rani passou por ele, fez uma reverência, ela o cumprimentou normalmente com educação, ele ficou acompanhando com os olhos, até que chegou à charrete. Assim que ela se foi, se dirigiu até Sr. Eusébio, e perguntou: — Quem é aquela dama que acabou de sair?

Sr. Eusébio, disse a ele: — É uma das mucamas de minha filha, esposa do Sr. Altamiro de Miranda, filho do Coronel Gastão de Miranda.

— Está me dizendo que aquela moça, é uma escrava de Sr. Altamiro?

— Diria que é uma mucama de minha filha Amélia.

Coronel Azevedo agradeceu a informação, depois saiu.

A viagem de volta foi mais demorada, devido ao peso das compras, Rani chegou à casa grande

da Fazenda Briosso, o sol estava se pondo, Vani e as crianças, a ajudaram retirar as compras do bagageiro da charrete, terminada a tarefa, ela foi devolve-la ao vizinho, seu proprietário. Depois de ajudar desatrelar o cavalo, o agradeceu, se despediu, voltou para casa caminhando. O dia daquela quarta-feira estava terminando, o sol já havia se escondido, começava escurecer. Chegou à casa cansada, só então, foi contar a Vani e às crianças, que Sr. Altamiro e Dona Amélia chegariam no sábado, que ela estava curada.

Na sexta-feira à tarde, uma carruagem parou em frente à casa de Sr. Eusébio, desceram Sr. Altamiro e Dona Amélia, depois de pagar o condutor, os dois entraram caminhando, ele trazia nas mãos uma pequena valise. Surpreenderam Dona Narcisa, que trabalhava entretida, na varanda do fundo da casa, ao vê-los chegar foi ao encontro deles, e os abraçaram. Quando perguntou à filha, se estava tudo bem, ela movimentou a cabeça, sinalizando que sim. Sr. Altamiro explicou: — Amélia não consegue falar, segundo o médico, o aneurisma cerebral provocou a perda temporária de sua fala, que retornará em

pouco tempo. Mas ela ouve e compreende perfeitamente. O médico disse que isso às vezes acontece, com o tempo e os remédios que passará fazer uso, a fala vai voltando.

Dona Narcisa achou estranho, mas diante da explicação do genro, conformou-se.

Compete-nos explicar, o aneurisma cerebral, às vezes pode deixar algum tipo de sequela, no caso de Dona Amélia, a perda temporária da fala, por mais que tentasse não conseguia falar, como entendia o que as pessoas diziam, ou perguntavam, respondia balançando a cabeça, concordando ou não. A fonoaudiologia viria surgir no Brasil, quase um século depois. Do mais, Dona Amélia estava bem, não sentia mais nada.

Como já era tarde, e eles estavam muito cansados, por causa da longa viagem, pousariam, e iriam embora no outro dia cedo. Coronel Gastão sabia do acontecido, mas preferiu omitir essa informação quando conversou com Sr. Eusébio, talvez para não causar mais preocupações.

Sr. Eusébio chegou no começo da noite, depois de cumprimentar o genro e a filha, ficou sabendo

do que ela havia perdido a fala temporariamente, perguntou ao genro, se o pai dele sabia desse detalhe, Sr. Altamiro disse que sim. Sr. Eusébio ficou sem entender, por que o Coronel Gastão omitiu essa informação, mas não disse nada. Depois revelou ao genro, que Rani estivera em seu empório na quarta-feira, fazendo compras, pelo fato de os mantimentos terem acabado, sem ter o que cozinhar para os escravos, que do mais, lá na fazenda estava tudo em ordem.

Sr. Altamiro perguntou, com quem, e como veio até à Vila. Sr. Eusébio disse: — Pelo que vi, ela veio sozinha em uma charrete.

Sr. Altamiro ficou pensando, não gostou do que ouviu, achando muito estranho, duvidando que a resposta do sogro, estivesse correta, mas não fez nenhum comentário.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 22/05/2026.



O Ciúme de Sr. Altamiro

No sábado pela manhã, depois de tomarem o café, Sr. Eusébio saiu acompanhado do genro, ele iria abrir seu empório, Sr. Altamiro buscar sua charrete e os cavalos, e pagar o que devia a Sr. Bento, como havia prometido. Em menos de meia hora estava de volta, sua vontade era chegar em casa o mais rápido possível. Encontrou Dona Amélia o esperando. Despediram de Dona Narcisa, subiram na charrete, saíram em direção à estrada que os levariam até a Fazenda Bioso. A charrete leve,

tracionada por dois cavalos descansados, venceu a distância de quinze quilômetros em pouco mais de uma hora. As crianças ainda estavam no quarto deitadas, quando Vani foi chama-las, dizendo que os pais haviam chegado. Rani e Vani foram recebe-los, Dona Amélia sorriu para elas, mais não disse nada. Rani imediatamente percebeu, havia algo errado com ela. Sr. Altamiro explicou, que a esposa ficaria por uns tempos, privada da fala, em virtude do aneurisma cerebral que sofreu, mas ouvia e compreendia perfeitamente o que se falava. As duas começaram revelar a ela alguns assuntos inerentes, acontecidos em sua ausência, ela apenas sorria e balançava a cabeça, concordando ou não. De repente os três filhos saíram da varanda, vieram correndo em sua direção, ela abraçou um por vez, como não conseguia dizer nada, começou chorar emocionada. Sr. Altamiro depois de abraçar a todos, explicou a eles, que a mãe perdera a fala, por causa da doença, mas seria por pouco tempo. Ao verem a mãe chorando, os três também começaram chorar. Em pouco tempo estavam todos chorando. Inclusive Sr. Altamiro.

Enquanto Sr. Altamiro desatrelavam os animais da charrete, chegaram os três escravos, que estavam trabalhando próximo, para cumprimentá-lo e saber notícias da patroa, ficaram comovidos quando souberam que Dona Amélia perdera a fala, mas consolaram quando o patrão disse que logo voltaria falar. Oton perguntou, se era para ele levar o almoço no cafezal. Respondeu que não, queria ir até lá, para dar uma olhada em tudo, principalmente como estavam as plantas. Jakson o mais velho deles, disse que em sua ausência, haviam construído três ranchos no cafezal, para proteger os escravos das chuvas, como ele havia solicitado antes de viajar. Agradeceu aos três, disse que iria aproveitar e conhecer os ranchos que construíram.

Dentro da casa, as crianças não saíam do lado da mãe, não entendiam, como ela não conseguia falar com eles, Rani explicava, mas não queriam aceitar, ou não conseguiam entender. Logo Sr. Altamiro chegou, disse a Rani que ele mesmo levaria o almoço. E que era quase certo que no dia seguinte, no domingo, receberiam a visita de seus pais. Disse a elas que seu pai foi visitá-los no hospital, prome-

teu que viria com a mãe, para ver Dona Amélia, e conhecer o lugar onde moravam. Rani sorriu, disse que estava com saudade de Dona Florinda, fariam um bom almoço para eles. Sr. Altamiro disse a ela: — Depois que voltar de levar o almoço, quero ter uma conversa com a Senhora.

Rani ficou pensativa, depois disse: — Está bem, a hora que o Senhor quiser.

Dona Amélia estava próxima, ouviu o que o marido disse a Rani, mas não deu importância, sabia que se tratava da viagem que ela tinha feito até a Vila, para fazer compras.

No horário costumeiro, Rani colocou as matulas do almoço sobre a carriola, Sr. Altamiro saiu empurrando em direção ao cafezal. Sr. Messias e os escravos, já tinham conhecimento que o patrão retornaria naquele sábado, só não imaginavam que viria trazer o almoço. Todos o rodearam para cumprimenta-lo, Sr. Altamiro aproveitou e revelou o problema temporário de Dona Amélia. Depois, enquanto almoçavam, deu uma volta, para avaliar o desenvolvimento das plantas, voltou satisfeito, com as chuvas de início do ano, os pés de café não pode-

riam estar melhores. Como era sábado, deixou para ir conhecer os ranchos em um outro dia, assim que todos almoçaram, voltou para casa.

Enquanto almoçava, Rani lavava os pratos na pia. Então perguntou a ela: — O que deu em você para ir fazer compras na Vila, me explique como foi isso?

— Os mantimentos da despensa haviam terminado, sem saber quando o Senhor voltaria, fui até a casa de nosso vizinho, Sr. Adalberto, expliquei a ele, pedi sua charrete emprestada, e fui fazer as compras, cheguei à Vila, perguntei onde ficava o empório de Sr. Eusébio, comprei tudo que precisava, colocaram tudo na charrete, eu voltei para casa, quando fui devolver a charrete ao vizinho já estava anoitecendo.

— Por que não levou Anastácio com você, faria companhia, e abriria as porteiras?

— Verdade, só quando cheguei na primeira porteira, me lembrei de Anastácio, mas aí já era tarde, fui sozinha mesmo.

— Não pensava que seria capaz de fazer isso sozinha, conduzir uma charrete por essas estradas?

— Nem eu sabia se conseguiria, agora se quiser, posso ir fazer compras para o Senhor.

— Não, eu não quero, seu trabalho é aqui dentro de casa. Não quero você, andando por aí.

— Então quando o Senhor for fazer compras, me leve para abrir as porteiras.

— Vá em meu quarto essa noite, vamos discutir esse assunto lá.

— Se é o que quer, eu vou. Também tenho um assunto para tratar com Senhor.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 23/05/2026.

Uma Aliada Indiscreta

Esse pequeno colóquio teria demorado alguns minutos, mas fora suficiente para despertar, o desejo que permanecia adormecido dentro deles. Rani estava tão carente, que não mais importava com o que poderia acontecer, até achava bom se acontecesse alguma coisa, só assim se libertaria da aflição que aquela situação lhe causava. O que Sr. Altamiro prometeu que faria, não aconteceu, talvez pelo que aconteceu com Dona Amélia, parece que havia se esquecido, por não mais ter falado nada. Como ele havia assumido

a responsabilidade pelas consequências, estava na hora de provar o que dizia.

A noite chegou, no horário de costume todos foram dormir. No quarto conversando com Vani, disse que iria ao quarto do patrão. Perguntou a Vani, se ela estava mesmo afim de levar adiante, seu namoro com Oton. Ela disse que sim. Rani disse a ela, que nesse caso seria melhor conhecer logo, o que o patrão achava sobre esse assunto. Vani disse:

— Eu não sei por que obter autorização dele, é meu proprietário, mas não manda, nem é dono de meus sentimentos, caso não autorizar, não impedirá que eu faça o que quero.

— Mas se ele concordar, tudo será mais fácil, e ele sabendo o que está acontecendo, poderá ajudá-los conseguir o que precisam.

— Se acha que ele vai concordar, pode dizer a ele.

Assim que tudo silenciou, Rani levantou de sua cama, pegou a lamparina e foi até o quarto do patrão, empurrou levemente, a porta se abriu. Faziam mais de quinze dias, que os dois não ficavam juntos, aquele não era o momento para conversas, para

conversas teriam o restante da noite. Depois que mataram a saudade, ele perguntou: — Disse essa manhã na cozinha, que tinha um assunto para tratar comigo, gostaria saber que assunto é esse?

— Enquanto estive fora, todos os dias Oton vinha até a varanda da cozinha, com a carriola para pegar as matulas do almoço, que Vani levava até ele. Nesses encontros começaram trocar algumas palavras, e acabaram se interessando um pelo outro. Ela contou-me o que estava acontecendo entre eles. Eu a aconselhei, que antes de começarem qualquer namoro, deveriam primeiro obter vossa autorização, caso consentisse, aí sim poderiam namorar da maneira correta. Então ela me pediu que lhe dissesse, por que Oton não teria coragem para lhe dizer.

— Eu gosto muito de Vani e também de Oton, diz a ela que tem meu consentimento, vou ter uma conversa com Oton, para dizer como deve ser o namoro deles.

— Obrigado, eu disse para Vani, que não iria proibir, por ser uma boa pessoa.

— Quanto ao nosso namoro, assim que Amélia voltar falar, prometo que revelarei tudo a ela, essa

situação está me incomodando, acredito que ela vai consentir.

— Poderia dizer a ela antes que começasse falar, assim não poderia dizer nada.

— É verdade, o máximo que conseguirá fazer, será balançar a cabeça, para dizer se concorda ou não. Nós não prestamos mesmo.

E os dois acabaram rindo da situação. Em verdade não saberíamos dizer como reagirá Dona Amélia, mas uma coisa é certa, a relação deles como marido e mulher, nesse quesito, a muito tempo não existia mais. Tanto que nessa mesma noite, ela entrou em seu quarto e trancou a porta, se acaso durante a noite sofresse um mal súbito, teriam que arrombar a porta para socorrer-la. Como disse Dona Florinda, à filha Ana Clara “Nenhum casamento sobrevive assim por muito tempo”. A rejeição e a frieza de Dona Amélia, com o passar do tempo, provocou o desinteresse do marido por ela, tanto, que não sentia mais sua falta, apesar de considerá-la sua esposa.

O domingo estava amanhecendo, quando Rani voltou para seu quarto, a primeira coisa que fez, foi

dizer a irmã que o patrão havia concordado com o namoro dela com Oton. Que ia ter uma conversa com ele para dizer como desejaria que fosse esse namoro.

Como havia prometido Coronel Gastão, não eram dez horas quando sua charrete tracionada por dois cavalos, adentrou o terreiro da casa grande da Fazenda Bioso. Todos da casa vieram recepcioná-los, Dona Florinda se comoveu com a condição da nora, que apenas gesticulava, sorria, mas não conseguia emitir uma só palavra. Na presença de todos, Dona Florinda elogiou as duas irmãs, dizendo que estavam mais bonitas. Como de fato estavam, tinham a liberdade de se vestir e arrumar como quisessem.

Sr. Altamiro convidou ao pai, para irem com sua charrete até o cafezal, que ficava um pouco distante da casa. Subiram a charrete, Sr. Altamiro tomou as rédeas, manobrou os animais e saíram em direção ao cafezal. Coronel Gastão conheceu aquela propriedade, quando adquiriu, de seu antigo proprietário, deu de presente ao filho, depois não mais retornou. Ficou admirado como em tão

pouco tempo, ocorresse transformação tão grande. Quando chegaram ao local, onde antes era apenas uma mata derrubada, encontraram agora uma linda lavoura de café em formação. Tudo muito limpo e bem zelado, reconhecia que o filho era muito competente. Não obstante o trabalho duro ser executado pelos escravos, se o patrão não tiver no comando, as coisas não se realizam.

Coronel Gastão gostou do que viu, o filho estava correspondendo às suas expectativas. Mas se absteve de fazer qualquer elogio. Disse apenas que no início tudo é difícil, o café requer tempo para começar produzir, mas em compensação, depois que começa produzir não para mais, pode continuar produzindo por décadas.

Dona Florinda ficou admirada, com o tamanho e o conforto da casa, não imaginava que fosse tão boa. Rani e Vani tinham muita consideração por ela, todo o tempo que moraram em sua casa, foram sempre muito bem tratadas, lhes haviam ensinado praticamente tudo que sabiam, Dona Florinda não admitia, mas elas diziam que foi a única mãe que tiveram. Por essa razão faziam tudo para agradá-la.

Impossibilitada de conversar, Dona Amélia parecia arredia, permanecia mais em seu quarto, de vez em quando vinha até a cozinha, para ver como estava o andamento do preparo do almoço. Dona Florinda aproveitava as ausências dela, para especular as irmãs, sobre o relacionamento íntimo da nora com o filho.

Rani e Vani sem interromperem seus trabalhos, iam conversando com Dona Florinda, e confirmando o que ela já sabia, revelado pela própria Dona Amélia, quando estivera em sua casa no final do ano. Sobre vários aspectos, como por exemplo, dormirem em quarto separado, e não sentirem necessidade um do outro. Dona Florinda apesar de seus quase sessenta anos de idade, era um tanto indiscreta. Perguntou a Rani: — O que você acha, de um homem como meu filho, que é saudável, ter apenas trinta e cinco anos, aceitar a esposa dormir em quarto separado. Ou permitir que viaje com os filhos, e fique fora por quase um mês, deixando sozinho em casa, com duas morenas bonitas, como você e Vani?

— Sr. Altamiro é muito respeitoso, mas acho estranho, se estivesse no lugar dela, não agiria assim.

— Foi o que eu disse a ela, quando me revelou essas coisas. Minha filha Ana Clara conversou com ela sobre esse assunto, e ficou admirada das coisas que ouviu, chegou ao ponto de dizer, que os dois deveriam procurar ajuda médica, caso quisessem salvar o casamento deles. Ela descartou qualquer possibilidade, disse que não estavam doentes.

Vani disse: — Dona Amélia esteve internada, em tratamento, esse tempo todo, talvez tenha falado ao médico sobre o problema deles.

— Acredito que não, não teriam coragem de dizer ao médico, essas coisas. Rani me respondeu com sinceridade. Caso meu filho a procurasse, para ocupar o lugar da esposa em sua cama, o que você faria?

Rani e Vani ficaram abobalhadas com a pergunta de Dona Florinda, pararam o que estavam fazendo, Rani aproximou dela, e disse: — Para dizer a verdade, não saberia o que fazer, sendo ele meu Senhor. A Senhora como pessoa experiente que é, me diz o que devo fazer caso isso venha acontecer?

— Sabendo que Amélia se recusa cumprir seu papel de esposa. Ele sendo seu Senhor, se você o de-

sejar, não vejo nada de errado, você atender ao seu pedido.

— Falando assim a Senhora me deixa constrangida, Sr. Altamiro não recorreria a uma simples escrava como eu. Talvez preferisse arrumar uma outra esposa branca e bonita.

— Não se deprecie menina, você é mais bonita, e mais mulher, que a maioria das brancas que conheço, eu ficaria mais feliz vendo meu filho com você, que ao lado de outra mulher interesseira. Se caso ele a procurar, não o decepcione, você terá todo meu apoio.

— Obrigado Dona Florinda, mas tenho que pensar muito, em tudo que a Senhora me disse, acho que não seria capaz em poder ajuda-lo.

Rani fez um sinal para a irmã e voltaram ao trabalho. Nesse momento Dona Amélia voltava a cozinha. Rani aproximou dela e disse: — Mais alguns minutos o almoço estará pronto. Coronel Gastão e Sr. Altamiro, acabaram de chegar, estão desatrelando os cavalos da charrete.

Dona Amélia sorriu, balançou a cabeça concordando, fazendo entender que estava tudo bem.

Dona Florinda matreira, ficou observando e comparando, a nora e a mucama, imaginando e se perguntando: “Rani se transformou em uma linda mulher. Será que Altamiro nunca a reparou, está dentro de sua casa, bem diante de seus olhos?”

Em verdade, Dona Florinda com essa conversa, pretendia descobrir se de fato estava acontecendo alguma coisa entre Rani e o filho, como a algum tempo suspeitava. Da maneira como se posicionou incentivando Rani, esperava obter alguma informação importante. Mas Rani e Vani a conheciam suficiente para não confiar nela. Se dissessem qualquer coisa, logo muitos estariam sabendo.

Quando Coronel e o filho chegaram, Rani e Vani haviam colocado as panelas e as travessas sobre a longa mesa, cercada de cadeiras, todas de madeira maciça, que ocupavam parte da extensa varanda do fundo da casa. Todos podiam sentir, os aromas apetitosos que exalavam das comidas e dos frangos assados, convidando a todos se sentarem, e degustarem os pratos que Rani e Vani preparam com capricho, em dupla homenagem, o retorno dos patrões, e as visitas de Coronel Gastão e Dona Florinda.

Se sentaram, depois de Rani e Vani ajudarem todos se servirem, principalmente as crianças, também se serviram e sentaram à mesa para almoçarem.

Aos domingos, as escravas da senzala, estavam encarregadas de preparar o almoço para todos escravos, todos os trabalhos eram realizados na cozinha da senzala, concedendo assim a Rani, seu único dia de folga na semana. Os três escravos, Jakson, Honório e Oton, moravam em uma casa separados dos demais, esses preparavam suas refeições todos os dias, cada semana era um deles o cozinheiro.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 25/05/2026.



Um Relacionamento Sério

Durante o almoço Dona Florinda disse ao filho, que iriam embora somente na manhã do dia seguinte. Sr. Altamiro disse que esperava que ficassem a semana toda. Coronel disse que não, que vieram para visitar Dona Amélia, com as graças de Deus, ela estava bem. Em um outro momento fariam um passeio mais demorado. Coronel Gastão, aproveitou para elogiar o almoço, dizendo: — Rani e Vani estão de parabéns, são ótimas cozinheiras, a comida estava deliciosa, a tempo não comia como hoje.

Dona Florinda endossou o parecer do marido, disse: — Concordo com Gastão, o almoço estava uma delícia.

Terminado o almoço, todos debandaram, menos Rani e Vani que ficaram fazendo a limpeza e guardando tudo. Como Dona Florinda não tinha com quem conversar, voltou à cozinha para azucrinar as duas mucamas. Apesar de ser uma boa pessoa, falava demais, às vezes o que não devia, e gostava bisbilhotar as vidas das pessoas, para depois comentar, era do tipo que não guardava segredos. Conhecendo-a Rani e Vani, se abstiveram em comentar sobre suas vidas particulares, respondiam ao que ela perguntava, de acordo com as conveniências, sem se comprometerem, se fosse necessário, omitiam a verdade.

Quando o Coronel Gastão, esteve visitando Dona Amélia no hospital em Ribeirão Preto, Sr. Altamiro confidenciou ao pai, que com as despesas decorrentes do tratamento da esposa, provavelmente teria que recorrer a agiotas, para conseguir honrar seus compromissos. Coronel Gastão perguntou quanto precisaria, revelou a quantia, mas disse ao pai que não se preocupasse. O pai disse a

ele, que recorrer a esse tipo de pessoa, seria temerário, ele lhe faria o empréstimo. No domingo iria com Dona Florinda, até a Fazenda Briosos, fariam uma visita a Dona Amélia, e levaria o dinheiro que precisava, mas que não dissesse nada a mãe. Coronel Gastão ao contrário da esposa, era muito reservado, e não gostava dos modos de Dona Florinda. Essa recomendação, era justamente para evitar, que ela comentasse com estranhos, esse assunto de família. Ele conhecia muito bem a esposa, como dissemos, ela não conseguia guardar segredos.

Depois do almoço Sr. Altamiro e o pai, foram até a sala para conversar, Coronel Gastão aproveitou o momento de privacidade, entregou ao filho o dinheiro que ele necessitava, e também um documento, espécie de Nota Promissória, para que assinasse. Explicou que seria um empréstimo, sem cobrança de juros, a ser paga no futuro, quando tivesse condições. Sr. Altamiro assinou o documento, e devolveu ao pai.

Aquele final de domingo transcorreu na mais perfeita normalidade. Dona Florinda acabou se convencendo, que até então, entre o filho e Rani, não havia

acontecido nada. Mas a maneira como a instruiu, seria uma questão de tempo. Em seu modo de pensar, estava fazendo aquilo para o bem dos dois, em detrimento a nora, pelo descaso com que tratava o filho.

Na segunda-feira de manhã Coronel Gastão e Dona Florinda, foram embora, e a rotina na casa grande, voltou ao normal. No horário habitual, Sr. Altamiro foi levar o almoço, aos trabalhadores no cafezal. Quando ia retornando, encontrou um Senhor, montado em um burro, que depois de cumprimenta-lo perguntou:

— Saberá me informar, se essa é a Fazenda Briosso, e aquela é a casa de Sr. Altamiro de Miranda?

— Sim Senhor, essa é a Fazenda Briosso de Sr. Altamiro de Miranda, a propósito quem é o Senhor?

— Meu nome é Belisário, sou feitor do Coronel Azevedo. Vim até aqui para falar com Sr. Altamiro de Miranda.

— Se está procurando por algum escravo fugitivo, aqui não apareceu nenhum escravo. Meu nome é Altamiro de Miranda.

— Muito prazer conhece-lo Sr. Altamiro. Mas não procuro nenhum escravo fugitivo. Vim

até aqui a pedido de meu patrão, Coronel Azevedo, para lhe propor um negócio. Caso o Senhor aceitar, ele virá pessoalmente até sua casa para concretizar o negócio.

— Posso saber que negócio é esse?

— A semana passada Coronel Azevedo, viu uma escrava do Senhor, fazendo compras, ela estava em uma charrete. Ele mandou dizer que quer comprá-la, para dizer seu preço, que amanhã mesmo, vem trazer o dinheiro e busca-la.

— Diz ao seu patrão, que não tenho nenhum escravo para vender.

— Coronel Azevedo não está querendo comprar escravos, quer comprar apenas a escrava que pertence ao Senhor, que ele viu na Vila no empório do Sr. Eusébio.

— Fala para ele, que nem todo seu dinheiro pagaria por ela. Porque ela não está à venda. Agora faça o favor, se retire de minha propriedade, e não volte mais.

— Está bem, estou indo. Direi ao meu patrão sua resposta, também direi a ele, a maneira como fui tratado.

Se Sr. Altamiro não estava satisfeito com aquela visita, e com a proposta que ouviu, mais insatisfeito ficou com o que o feitor dissera. Então se lembrou, do que ouviu falar, sobre esse Coronel Azevedo. Que era um homem metido a valente, ignorante, prepotente, carrasco com seus escravos e abusador de suas escravas.

Sr. Altamiro pensava consigo mesmo “Em verdade ele também estava tendo um relacionamento com a mucama da esposa, que era de sua propriedade, mas era consensual, não era nada forçado, gostava dela e a protegeria em qualquer circunstância”. E seu desejo seria transforma-la em sua esposa, tendo-a ao seu lado, não necessitaria de outra.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 26/05/2026.

Proposta Atrevida

Sr. Altamiro não comentou com ninguém, a respeito da presença daquele homem em sua propriedade, isso somente aconteceu, devido Rani ter ido ao vilarejo fazer compras. Por essa razão, não seria conveniente que ela voltasse à Vila de Batatais. Certamente chamaria a atenção, e atrairia a cobiça de homens, principalmente de pessoas desocupadas e vulgares como Coronel Azevedo, que ele só o conhecia pela sua má reputação.

Quando Rani morava na fazenda do Coronel, algumas vezes foi com Dona Florinda até o vilarejo, mas

nunca chamou atenção, talvez por ser mais jovem à época, pelo seu modo simples de vestir. Dona Amélia deu a elas roupas melhores e bonitas. No dia que foi ao vilarejo fazer compras, estava muito bem vestida, e muito bonita, ao ponto de ter chamado atenção, das pessoas que estavam no empório de Sr. Eusébio.

Ao chegar próximo à casa, deixou a carriola e foi até a casa onde moravam os três escravos, eles haviam acabado de almoçar, estavam sentados em um banco de madeira, sob uma árvore em frente à casa. Chegou e cumprimentou a todos, quiseram saber sobre a saúde de Dona Amélia, respondeu que estava tudo bem, somente a fala não havia retornado. Disse que queria conversar em particular com Oton. Jakson e Honório pegaram seus chapéus, saíram em direção ao trabalho que estavam fazendo. Oton aparentemente constrangido, com a cabeça abaixada, permaneceu sentado, Sr. Altamiro sentou ao seu lado, começou dizendo:

— Fiquei sabendo através de Rani, que no período que estivemos fora, você e Vani começaram conversar e acabaram se entendendo, e agora estão pensando namorar?

— É verdade Sr. Altamiro, como nenhum de nós, tínhamos coragem para falar com o Senhor, Vani disse que pediria a irmã, para pedir vossa permissão.

— Como disse a Rani, gosto muito de você e de Vani, não vou proibir que namorem, como vocês têm vossas obrigações durante a semana, vocês têm o domingo para ficarem juntos e conversar o quanto quiserem. Vou dizer isso também a ela.

— Obrigado Sr. Altamiro, está muito bem assim.

— Era isso que vim lhe dizer.

Oton muito emocionado, conseguiu dizer: — Mais uma vez, muito obrigado.

Levantou e saiu em direção à carriola, Oton pegou seu chapéu, colocou na cabeça, saiu correndo em direção aos companheiros. Enquanto Sr. Altamiro almoçava, Rani lavava as panelas e os pratos na pia, disse a ela: — Pode dizer a Vani que já falei com Oton. Disse a ele que têm os domingos para namorar.

Rani se virou, sorriu e disse: — Vou lá dentro dizer a Vani, ela vai ficar muito feliz.

Logo Rani retornou, e perguntou: — Quando vamos à cidade para fazer compras, como o Senhor prometeu?

— Ainda estou pensando, se devo leva-la comigo. À noite conversamos sobre isso.

Ela pareceu não ter gostado da resposta, voltou à pia e continuou levando os pratos. Diante daquele estranho interesse, demonstrado por Rani, em voltar ao vilarejo, Sr. Altamiro ficou pensando fazer algumas perguntas, a respeito do dia que esteve fazendo compras, do tipo: Com quem conversou? O que viu de interessante? Se alguém lhe disse alguma coisa? Mas mudou de ideia, era melhor não ouvir nada, poderia se irritar, com o que ela dissesse. O que teria acontecido, para que o Coronel Azevedo se interessasse por ela, ao ponto de ter o atrevimento de mandar seu feitor, vir até sua casa, fazer uma proposta disposto compra-la? Ficou pensando, chegou à seguinte conclusão: “Talvez esteja na hora, de dizer tudo a Amélia, e oficializar nossa relação, antes que se interesse por outro”.

À noite quando Rani foi ao seu quarto, revelou a ele, as estranhas conversas de Dona Florinda, se

referindo a eles, disse que através das conversas e de suas perguntas, desconfiava que estivessem dormindo juntos. Que tentou convence-la que não, que ela não teria coragem para fazer essas coisas. Então perguntou, se acaso me pedisse que fosse ao seu quarto, o que faria? Respondi que não saberia o que fazer, por ela ser uma mulher experiente, me aconselhasse nesse caso, o que deveria fazer. Ela me disse que eu deveria aceitar, que me daria todo seu apoio. Não gostaria que arrumasse uma outra mulher interesseira.

— Por que mamãe estaria pensando essas coisas sobre nós?

— Quando Dona Amélia esteve em sua casa, contou tudo sobre vocês dois, que dormiam em quarto separados, e que não sentiam mais falta um do outro. Até pediu para sua irmã Ana Clara falar com ela, e dar alguns conselhos, dizer que nenhum casamento daria certo assim. Depois de ouvi-la, Ana Clara disse a ela que não era normal, teriam que procurar ajuda de médicos, ela disse que não, que não estavam doentes.

— O que você acha de revelarmos a Amélia nossa situação?

— O Senhor prometeu-me que faria isso, depois ela ficou doente, não me disse mais nada, é o que mais quero que faça, estou me sentindo muito mal, do jeito que estamos.

— Você quer que falemos com ela amanhã?

— Uma hora ela vai saber, então vamos dizer logo, será melhor assim.

— Amanhã à noite, vamos dizer a ela.

À tarde do dia seguinte, chegou uma charrete à casa de Sr. Altamiro, trazendo Dona Avelina, havia terminado seu período de férias, nos próximos dias começaria mais um ano letivo, estávamos no final do mês de janeiro. A professora não tinha conhecimento, que Dona Amélia estivera doente, ficou surpresa ao revê-la. Mais surpresa ficou, quando ficou sabendo que esteve internada quinze dias, no hospital da cidade onde estava com sua família. Sr. Altamiro se desculpou por não ter lhe avisado, foram dias tumultuados, justificou.

Com a chegada da professora, os planos da noite anterior, para decepção de Rani, precisaram mais uma vez, ser adiados. À noite Dona Avelina entrou no quarto de Dona Amélia, ficou conversando com

ela, quando saiu, percebeu que estava tarde, todos tinham ido dormir, mas estava feliz, Dona Amélia com dificuldade, tinha pronunciado algumas palavras, Dona Avelina também foi para seu quarto.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 27/05/2026.



Recuperação Parcial, da Voz de Dona Amélia

Na manhã do dia seguinte, durante o café da manhã, Dona Avelina disse a Sr. Altamiro e as duas irmãs, que na noite anterior, Dona Amélia conseguiu pronunciar algumas poucas palavras, que seria importante motivá-la falar, que exercitando a voz, mais rapidamente recuperaria a fala. Sr. Altamiro disse que a esposa ultimamente, preferia isolar-se e ficar sozinha em seu quarto, evitando ouvi-los, talvez pelo fato de não conseguir se expressar oralmente. Pediu

a professora se possível, enquanto não começasse ensinar as crianças, procurasse permanecer ao seu lado, conversando e incentivando a falar. Ela disse que gostava conversar com Dona Amélia, seria um prazer poder ajuda-la.

Depois de levar o almoço, e almoçar. Sr. Altamiro buscou um de seus cavalos, o encilhou, pediu a Rani que avisasse a todos, que estava indo até à Vila de Batatais, precisava pagar uns compromissos, antes do entardecer estaria de volta. Vestiu-se apropriadamente, calçou suas botas de cano longo, chapéu na cabeça e saiu. No vilarejo depois de acertar suas dívidas, com Sr. Bento na estrebaria, e com Dr. Antonio no Hospital, foi até o empório do sogro, pagar também o que devia. Depois de acertar tudo, conversou um pouco com Sr. Eusébio, falou da recuperação parcial da fala de sua filha, para que tranquilizasse Dona Narcisa, despediu-se dizendo que estava voltando para casa. Ao sair do empório, já na rua foi abordado por um Senhor, que o chamou pelo nome, dizendo que queria conversar com ele. Sr. Altamiro perguntou seu nome, se identificou como Coronel Azevedo. Deduzindo do que se tratava, disse:

— Me desculpe, acredito que não temos nenhum assunto a tratar.

— Temos sim, pedi ao meu feitor Belisário que fosse até sua casa, propor um negócio honesto, e o Senhor destratou diretamente a ele, e indiretamente a minha pessoa.

— Não vejo dessa forma, apenas recusei negociar, algo que não desejo vender.

— Você não quer ouvir minha proposta?

— Deixei bem claro ao seu feitor, que nem todo dinheiro que o Senhor possui, paga o que não vou vender.

— Falando assim, você está sendo descortês, me ofendendo diretamente.

— Entenda como quiser, essa é minha única resposta, passe bem.

— Só mais uma pergunta. E sua vida, quanto vale?

— Também não está à venda, portanto também não tem preço.

Sr. Altamiro lhe virou as costas, e saiu em direção ao seu cavalo, que estava amarrado próximo ao empório do sogro. Montou e saiu em direção à

estrada que o levaria de volta até a Fazenda Briosso, pelo caminho ia pensando, “não vou mais sair de casa desarmado, nunca se sabe o que se passa na cabeça, de um crápula como esse Coronel Azevedo, que pode muito bem pagar alguém, para fazer aquilo que não tem coragem fazer”.

Sr. Altamiro chegou à casa ao pôr do sol, enquanto jantava Rani o observava, estava calado, parecia contrariado, depois do jantar levantou e foi até seu quarto, pegou uma pequena caixa, sentou em uma cadeira na sala, retirou da caixa um revólver novo em folha, que havia comprado, há quase quinze anos, aconselhado pelo pai, quando ainda solteiro. Era uma arma marca Colt, calibre 38, cabo de madrepérola, fabricação americana, conhecida como “Colt cavalinho, canela seca”, costumava levar quando ia aos bailes ou festas, montado em seu cavalo, ou em um burro que seu pai gostava montar, e voltava altas horas da noite, mas nunca o havia usado, verdadeira preciosidade. O lubrificou, examinou detalhadamente, e colocou de volta na caixa, e foi guardar no mesmo lugar, em seu quarto.

O que era para ser feito despercebido, não aconteceu. Naquele momento Rani foi até a sala, quando o viu com a arma nas mãos, voltou sem que ele percebesse. Achou estranho vê-lo manuseando aquela arma, nem sabia que possuía uma. Mas não comentou com ninguém.

À noite Rani foi até seu quarto, agora com cuidado redobrado, devido a presença de Dona Avelina, que tinha o hábito de ficar lendo a noite. Mas se esqueceu de perguntar, o motivo de estar com aquela arma nas mãos. No dia seguinte quando veio pegar as matulas, para levar o almoço, Rani percebeu que portava a arma sob a camisa. O que estaria acontecendo, para de repente passar andar armado, mesmo ali na fazenda. Rani ficou preocupada, pediu segredo, e contou o que viu a irmã Vani, que também achou estranho.

Depois de uma semana que Dona Avelina havia chegado, e já havia começado ensinar as crianças. O progresso do retorno da voz de Dona Amélia, nesse curto espaço de tempo, foi expressivo, com um pouco de dificuldade, conseguia pronunciar razoavelmente, quase todas as palavras que conhecia, esse

progresso era atribuído a Dona Avelina, que perseverava em suas conversas com ela, nos momentos que estava desocupada. Com a volta parcial da fala, Dona Amélia deixou de se isolar como antes, às vezes sentava em uma cadeira, próximo onde Rani e Vani estavam trabalhando, e conversava com elas, com sua voz um pouco enrolada.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 28/05/2026.

A Coragem de uma Mucama

Haviam decorridos dois meses que Dona Avelina havia retornado, portando estávamos no final do mês de março, Dona Amélia havia recuperado, quase que totalmente sua fala. Coronel Azevedo não mais importunou Sr. Altamiro, depois do que ouviu dele, e pelo fato de agora saber que só andava armado, entendeu que deveria desistir de comprar a mucama. O namoro de Vani com Oton continuava cada vez mais sério, até falavam em casamento. Coronel Gastão e Dona Florinda não mais apareceram, a

Fazenda Briosso, a colheita de café estava iniciando em toda região. Sr. Altamiro até então, não tinha revelado nada a Dona Amélia, por mais de uma vez, Rani ameaçou não mais voltar ao seu quarto, enquanto não dissesse a Dona Amélia, sobre o relacionamento deles, mas não cumpria a ameaça, deixava de ir dois ou três dias, e acabava voltando, o tempo foi passando e ele protelando. No final do mês de março, em uma noite, Rani disse a ele: — Há quatro meses, o Senhor promete falar com Dona Amélia, e não fala nada. Amanhã vou dizer tudo a ela, aconteça e o que acontecer, não suporto mais conviver com essa situação.

Sr. Altamiro sorriu, e disse: — Você não teria coragem para fazer isso.

— Agora eu tenho coragem e motivos, para dizer toda verdade a ela, ou logo vai perceber que estou grávida.

— Você está grávida? Porque não me disse nada? O que vamos fazer agora?

— Vamos fazer o que todos pais fazem, vamos ter e criar nosso filho.

— Quando você descobriu que estava grávida?

— Há quinze dias. Mas somente agora tive certeza.

— Nesse caso é melhor você conversar com ela, e contar tudo. Pode dizer que eu a obriguei. Eu prefiro não estar presente, depois se ela vier falar comigo, eu explico e confirmo o que você disser. Se ela quiser ir embora sozinha, não vou impedir. Se quiser ficar, tudo continuará como está.

No dia seguinte pela manhã, Sr. Altamiro tomou o café, como tinha certeza que Rani falaria com Dona Amélia, levantou, saiu e desapareceu. Dona Avelina e as crianças tomaram o café, e foram para a sala de estudo. Assim que Dona Amélia sentou para tomar seu café. Rani aproximou dela, e disse:

— Dona Amélia tenho uma coisa para dizer a Senhora, que não sei como vou dizer, mas a Senhora precisa saber. Eu estou grávida, e o pai de meu filho é o Sr. Altamiro. Tudo começou quando a Senhora viajou com as crianças à casa de vossa mãe. Quando a Senhora voltou, Sr. Altamiro ia contar tudo, mas a Senhora ficou doente. Depois o tempo foi passando, eu pedia para que dissesse, prometia

que ia dizer, e nunca disse. Agora descobri que estou grávida, e a Senhora precisava saber.

— Foi você que se ofereceu a ele?

— Não Senhora, ele pediu que fosse ao seu quarto, mas não me obrigou a nada. Fui ao seu quarto, ele me disse que depois que se mudaram, a Senhora deixou de atende-lo em suas necessidades de homem, que gostaria que o ajudasse, como me disse que não precisaria me preocupar, que assumiria toda responsabilidade, passei ir todas as noites em seu quarto. Agora que a Senhora já sabe, não sei como vai ser.

— Tudo bem Rani, a mãe dele, Dona Florinda já havia me alertado. Você é uma escrava e lhe deve obediência, como ele disse, a responsabilidade é toda dele. Não precisa se culpar, você não é a primeira escrava que serve ao seu Senhor, e não será a última, isso acontece com a maioria de Senhores com suas escravas.

— O que a Senhora vai fazer comigo agora?

— Com você nada, mas ele vai ter que assumir você, e vosso filho. Ou não me chamo Amélia de Miranda.

— Obrigado Dona Amélia, e me perdoe.

— Está perdoada, agora pode ir cuidar de suas obrigações.

Às dez horas Sr. Altamiro apareceu com a carriola à varanda, Rani trouxe as matulas com o almoço dos trabalhadores, perguntou discretamente, se havia conversado com Dona Amélia, apenas balançou a cabeça afirmativamente. Ele entendeu, não disse nada, saiu empurrando o carrinho. Pelo caminho ia pensando, “isso tinha que acontecer, agora é enfrentar a situação, se fosse possível voltar atrás, faria tudo igual novamente, por que amava Rani, seria capaz de fazer qualquer coisa, para tê-la sempre ao seu lado”.

Sr. Altamiro depois que se sentiu ameaçado pelo Coronel Azevedo, nunca mais andou desarmado, principalmente quando ia ao vilarejo, esse hábito era muito próprio dos fazendeiros à época, como um meio preventivo de auto proteção, e de certa forma impunha respeito. Não obstante os assassinatos serem muito raros naquela região, principalmente dos mais abastados.

Sr. Altamiro retornou do cafezal, foi almoçar, como fazia todos os dias, Dona Amélia não apareceu, para os devidos entendimentos, se dependesse dele não haveria necessidade. E Rani eximiu-se em fornecer mais informações.

Depois de almoçar, foi para seu quarto, tirar a sesta como fazia, Dona Amélia ouviu quando abriu a porta, levantou-se e foi até lá. Abriu a porta que estava apenas encostada, e entrou, Sr. Altamiro se assustou ao vê-la diante dele. Antes que começasse falar, Dona Amélia disse: — Me explique com suas palavras, o que Rani me contou essa manhã.

— Não tenho nada acrescentar, tudo que ela disse é verdade, eu a obriguei vir se deitar comigo, um homem precisa de uma mulher, de agora em diante, você continua sendo apenas minha esposa, mas minha mulher, de agora em diante será Rani. Se quiser se vingar, vinga-se em mim, ela não teve culpa, aceitou fazer, o que você deixou de fazer a muito tempo.

— Não vou me vingar, só quero pedir que sejam discretos, preserve sua imagem de pai, diante de seus três filhos. Não abrirei mão de minha condição

de esposa, apenas isso me basta. Como você disse, deixei de ser sua mulher, a muito tempo, e não me arrependo, não sinto a menor necessidade. Rani poderá ser sua mulher na cama, mas continuará sendo minha mucama, e seja para ela, o homem que não conseguiu ser para mim.

— Quanto nossa relação, homem e mulher, não vou ser hipócrita, posso dizer o mesmo. Se assim está bom para você. Está ótimo para mim, as pessoas não precisam saber, que como homem e mulher fracassamos. Isso acontece com alguns casais.

— Assim será melhor para nós.

Dona Amélia deixou o quarto do marido, não houve acusações, ofensas ou violências. Apesar de serem pessoas simples, da roça, agiram como pessoas civilizadas. Não obstante a hipocrisia ser própria do ser humano, quando conseguimos dominar nosso egoísmo e nosso orgulho próprio, e deixamos nos conduzir pela racionalidade, menos nos comprometemos e nos arrependemos.

À noite quando tudo silenciou, Rani foi até o quarto de Sr. Altamiro, não com a intenção de fazer o que costumavam fazer, precisavam

conversar, sobre os acontecimentos daquele dia, aparentemente a tempestade havia passado, depois de muito conversarem, de certa forma, estavam mais felizes. Pela primeira vez, não sentiram fustigados pelo aguilhão do remorso, suas consciências haviam superado o sentimento de culpa, de não estarem cometendo algo pecaminoso e errado. Mas quem somos, e o que sabemos, para julgar nossos próprios atos?

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 30/05/2026.

Para Tudo Há Solução

Dona Amélia superou aquela informação, com a maior naturalidade, como já estivesse esperando que acontecesse. Para ela foi menos traumatizante, que se fosse obrigada submeter à condição de sua mulher na cama, Como ela mesma declarou à sogra e a cunhada, não sentia nenhuma falta. Alguém pode considerar que essa situação não acontecesse. Felizes são os casais, que não convivem com esse tipo de problema. Como argumentou a cunhada Ana Clara, um caso assim, seria passível de ajuda médica.

Como dissemos, Dona Amélia e a professora Dona Avelina, eram muito amigas, gostavam de conversar demoradamente. Não obstante Sr. Altamiro ter pedido discrição, que não comentasse com as pessoas, ela acabou confidenciando à amiga, justificando que seu relacionamento íntimo com o marido, a muito tempo havia perdido o sentido, deixou de ser prazeroso, ao ponto dela o recusar de forma acintosa. Tanto que quando se mudaram, passaram dormir em quartos separados. Disse se pudesse retroceder no tempo, talvez não se casaria novamente.

Dona Avelina contra argumentou, que não deveria pensar assim, hoje era mãe de três lindas crianças, a pouco tempo atrás, poderia ter morrido, nesse caso deixaria para posteridade, sua descendência, contribuindo para a continuidade da vida. Quem dera se ela, encontrasse um bom rapaz para se casar, não importaria sofrer, mas seu sonho seria ter filhos, cria-los e educa-los, depois poderia até morrer, então morreria feliz.

E o tempo foi passando, e a barriga de Rani demorou, mas acabou aparecendo, ninguém per-

guntava, mas todos deduziam acertadamente, quem era o pai da criança. E a notícia lentamente foi espalhando, com certa limitação, primeiro chegou à fazenda de Coronel Gastão, para Dona Florinda, nenhuma surpresa, pensava ela: “Rani além de ser uma mulata muito bonita, era muito esperta, tinha levado a sério seus conselhos”. Quanto a Dona Narcisa, ficou sabendo pela própria filha, que também disse a mãe, que não se importava, Altamiro poderia ter outras mulheres, mas não abriria mão de ser sua esposa. Dona Narcisa reprovou a postura da filha, e mais ainda a conduta do genro, por desconhecer, o que de fato estava acontecendo na relação deles. Somente mais tarde viria ficar sabendo o que se passava, através de Dona Florinda. Quando tentou acusar o genro e defender a filha. Então Dona Florinda saiu em defesa do filho, e revelou a ela, as confissões feitas por Dona Amélia, que desconsiderou seus conselhos, antes de as coisas acontecerem.

Agora todas as noites, Rani apenas esperava as crianças irem para seus quartos, mesmo na presença de Dona Amélia, entrava no quarto de Sr. Altamiro, e fechava a porta. Em nossa modesta opinião,

não se tratava de um caso de bigamia. Sr. Altamiro tinha uma esposa Dona Amélia, que apesar de ser mãe de seus três filhos, viverem sob o mesmo teto, não tinham mais nenhuma relação íntima. E Rani, a mucama que havia se tornado sua concubina, com quem estava vivendo uma legítima relação de amor, por que ambos se gostavam, se respeitavam e estavam muito felizes.

No início do mês de junho, com a anuência de Sr. Altamiro, Vani foi morar com Oton, em uma pequena casa de tábuas, construída próxima à casa grande, que fora montada com ajuda de Sr. Altamiro, Dona Amélia e Rani. E continuava trabalhando como mucama, na casa grande.

No final do mês de setembro, Sr. Altamiro pegou sua charrete, foi buscar a mãe Dona Florinda, que entre suas diversas habilidades, como costureira, bordadeira, cozinheira, doceira entre outras, também era excelente parteira. Já havia participado, e ajudado com reconhecida competência, dezenas de senhoras livres e escravas, a colocarem seus filhos ao mundo, inclusive fora ela, quem ajudou Dona Amélia em seus três partos.

Quando chegaram à Fazenda Bioso, Dona Florinda espantou-se com o tamanho da barriga de Rani. Em uma conversa, disse a ela: — Estou achando que dentro dessa sua barriga, têm duas crianças.

Rani ficou desesperada, toda embaraçada, disse: — Mas duas crianças de uma só vez, Dona Florinda?

— Melhor que seja duas, ou será uma muito grande.

Rani começou chorar com medo. Dona Florinda, era do tipo arrojada e realista, disse: — Deixe para chorar na hora do parto minha filha, por enquanto você não está sentindo nenhuma dor.

Por esses tempos, Sr. Altamiro convocou uma das escravas que trabalhava na lavoura, que se chamava Rosana, para ajudar Vani, nos trabalhos da casa. Barriguda como estava, Sr. Altamiro a tinha proibido de fazer qualquer trabalho.

Fazia quase uma semana que Dona Florinda havia chegado, quando em uma madrugada Sr. Altamiro foi bater à porta de seu quarto, dizendo que Rani estava sentindo dores. Imediatamente levantou-se e foi até o quarto examina-la. Dona Florinda

tentou tranquiliza-la dizendo: — Minha filha, a hora chegou, procure não ficar com medo, nem nervosa, para tudo há uma solução, eu estarei ao seu lado para ajudar.

As horas foram se sucedendo, de vez em quando uma contração, Rani chorava de dor, Dona Florinda a consolava. Sr. Altamiro já havia levado o almoço e retornado, e Rani continuava sofrendo em trabalho de parto. Vani pediu que se sentasse para almoçar, ele se recusou, foi sentar-se em um banco sob uma árvore no quintal, e ficou pensativo aguardando, passava do meio dia quando ouviu choro de criança, vindo de dentro da casa, começou chorar de emoção, Vani chegou até ele, disse que a irmã, tinha acabado de dar à luz, a um lindo menino, ele não se conteve, levantou e a abraçou, tremia e chorava. Vani disse: — Graças a Deus, tudo acabou, Dona Florinda disse, que Rani e a criança estão passando bem.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 31/05/2026.

A Lei do Ventre Livre

Logo Dona Florinda apareceu, estava cansada e abatida, pelo esforço que fez, e o medo que passou, temendo que mãe e filho não suportassem tamanho sofrimento. Em toda sua vida de parteira, não tinha participado e assistido a um parto tão difícil, explicou comovida ao filho, devido a criança ser muito grande, tanto que quando chegou, e viu a barriga de Rani, achou que teria gêmeos. Como a mãe também não havia almoçado, a convidou para almoçarem. Em verdade ninguém na casa, havia almoçado ainda, Vani

explicava às meninas, que Rani havia ganhado um bebezinho, logo mais tarde, elas poderiam somente vê-lo, pegar somente daí alguns dias. Dona Florinda que falava as coisas, sem pesar as consequências, disse às netas: — O bebezinho, que em verdade é um Bebezão, que Rani acabou de ganhar, também é vosso irmãozinho.

As meninas não entenderam direito, o que a avó quis dizer. Ainda bem que Dona Amélia não estava presente, estava em seu quarto. Sr. Altamiro disse as filhas: — Depois vou explicar a vocês duas, o que a vovó disse, agora venham almoçar.

Dona Florinda era mesmo indiscreta, disse a Dona Avelina: — Estou mesmo ficando velha, agora já tenho oito netos, por coincidência, quatro netos e quatro netas.

Vani disse a Dona Florinda: — A canja de galinha que a Senhora pediu que fizesse, está pronta. Quer que eu leve para Rani.

— Coloque em uma tigela, que eu mesmo vou levar.

Dona Avelina perguntou: — Quantos filhos a Senhora tem?

— Três filhos, dois homens, e a caçula mulher.

— Todos casados?

— Sim, todos casados, temos um filho médico, ele e minha filha Ana Clara, moram na Capital.

— A Senhora teve poucos filhos, minha mãe coitada, teve oito filhos, por coincidência também, quatro homens e quatro mulheres.

— Você é solteira?

— Infelizmente sou, apesar de já ter quinze sobrinhos, tenho ainda esperança, de um dia me casar.

Todos haviam terminado de almoçar. Sr. Altamiro interrompeu a conversa, perguntou a Dona Florinda: — Mamãe, eu posso entrar no quarto para ver Rani, e meu filho?

— Pode, mas vou com você, e levo a tigela com a canja, para que ela tome.

Ambos levantaram, saíram em direção ao quarto, encontraram Rani amamentando o filhinho, Sr. Altamiro aproximou da cama, ela lhe sorriu, ele a abraçou e a beijou com carinho, depois ao filho. Lhe disse com lágrimas nos olhos: — Mamãe disse, que foi muito difícil a você, conseguir ter nosso filho, você me parece pálida, minha querida.

— Foi mesmo muito difícil, achei que morreria, mas graças a Deus, e a sua mãe, conseguimos. Você observou, nosso filho é muito lindo, grande, e quase branco.

— Observei, o mais importante que é saudável como a mãe.

Dona Florinda disse: — Agora está na hora de você se alimentar, você perdeu muito sangue, pedi a Vani que fizesse uma canja de galinha, ainda está quente, está cheirosa, deve estar muito boa.

— Obrigado Dona Florinda, não sei se vou conseguir comer, meu estômago parece que não está muito bom.

Sr. Altamiro que estava próximo, disse: — Deve ser fome, já passa do meio dia. Foram quase dez horas, do momento que começou sentir dores, até nosso filho nascer, você fez muito esforço.

— Mas estou muito feliz. Me dê essa tigela de sopa Dona Florinda, vou tentar comer ao menos um pouco.

Dona Florinda envolveu a tigela em um pano, e lhe entregou, ela experimentou, e aprovou, passou tomar lentamente, de fato ela estava um pouco páli-

da e abatida, Dona Florinda fez um sinal, para que o filho deixasse o quarto, ele sorriu para Rani, depois saiu.

Rani perguntou a Dona Florinda, se tinha conversado com Dona Amélia, ela respondeu: — Para dizer a verdade, ainda não a vi hoje, não apareceu para almoçar, deve estar trancada em seu quarto, essa mulher está fazendo com os filhos, o que fez com o marido. Parece que não consegue amar ninguém.

— Ela gosta dos filhos, mas depois que ficou doente, perdeu o interesse pelas coisas, gosta de ficar sozinha isolada. Mas eu e Vani, cuidamos muito bem das crianças. Não tenho certeza, mas acho que fica assim, quando deixa, ou esquece de tomar os remédios para cabeça.

— Minha filha, de agora em diante, você tem que assumir o comando dessa casa, cuidar muito bem dos meus netos e de meu filho, Altamiro gosta muito de você, percebo que hoje é um homem mais alegre e feliz. Não pense como se fosse ainda uma mucama, pense e proceda como sendo a mulher de Altamiro, mãe de seu filho, e não vai se arrepender.

— Obrigado por tudo Dona Florinda, quero dizer a Senhora, que só aceitei ser a mulher de seu filho, porque gostava dele, por ser bom, respeitoso e verdadeiro. Agora eu o amo de verdade, não importo continuar sendo mucama de Dona Amélia, o que mais quero, e continuar ao lado dele, e ser sua mulher para sempre.

Rani estava certa, a algum tempo, depois que Dona Amélia recuperou a fala, entendeu que estava completamente curada, pegava os comprimidos no frasco, ao invés de tomar os escondia, depois jogava fora, contrariando as recomendações de Dr. Humberto, que a orientou e também ao marido, que deveria fazer uso contínuo do medicamento. Sr. Altamiro tinha a preocupação de tempos em tempos comprar os frascos de comprimidos, considerando que vinha fazendo uso regularmente. Passados alguns meses, começou apresentar sério problema de depressão, foi perdendo o interesse pelas coisas, sempre triste e calada, passou isolar-se, evitava conversar com as pessoas. Dona Avelina foi a primeira a perceber, que Dona Amélia não estava bem, considerou o fato de ela ter perdido o marido

para a mucama, mas não comentou com ninguém. Depois foi Rani, que comentou com Sr. Altamiro, com Dona Avelina e agora com Dona Florinda, que tinha quase certeza, que não estava tomando os comprimidos como deveria. Como não sentia nenhuma dor, não reclamava, se isolava, intimamente só pensava em morrer, mas nunca chegou comentar, a vida parecia ter perdido o sentido. Sr. Altamiro às vezes perguntava, se estava tomando os comprimidos todos os dias, ela apenas confirmava.

Três dias depois do parto, como mãe e filho passavam bem, Dona Florinda pediu ao filho que a levasse de volta para casa. No dia seguinte pela manhã, Sr. Altamiro pegou sua charrete, acompanhado do filho Anastácio, que o ajudaria abrir as porteiras, foram levar a mãe. Durante a viagem Dona Florinda, como sempre, foi fazendo seus comentários, muitos deles inconvenientes, principalmente sobre as atitudes da nora Amélia. Inclusive sobre o comentário feito por Rani, que ela não estaria tomando devidamente os remédios, recomendados pelo médico. Sr. Altamiro revelou a mãe, que conviver com a esposa, nunca foi fácil,

tornou-se mais difícil, depois que se mudaram, agora com a doença, deteriorou de vez, ela estava com problemas e recusava que ele a levasse ao médico, para fazer uma reavaliação do aneurisma sofrido.

A permanência de Sr. Altamiro e o filho à casa paterna foi breve, almoçaram, se despediram e tomaram o caminho de volta. Como dissemos, estávamos no mês de outubro, tardes muito quentes, sujeitas a chuvas fortes e vendavais, era melhor chegar em casa antes do entardecer.

Como dissemos ao começo de nossos relatos, a Lei do Ventre Livre fora promulgada no dia 28 de setembro de 1871, todas as crianças nascidas de mulheres escravas, a partir daquela data, eram livres, por direito no Brasil. Estávamos no mês de outubro de 1873, portanto, mesmo se o pai do filho de Rani, fosse um homem escravo, a exemplo do marido de Vani, seu filho seria um cidadão livre. No dia 25 de abril de 1874, fora promulgada a Lei do Registro Civil no Brasil. Passados menos de três anos do nascimento do filho de Rani, no ano de 1876, Sr. Altamiro teria feito uma viagem a Capital, e teria mandado registrar seu filho, e de Rani com o nome

Getúlio Renan de Miranda. Aproveitando o ensejo daquela viagem, a pedido de Sr. Altamiro, o mesmo tabelião redigiria cinco cartas de alforrias. Concedendo liberdades definitivas para: Jakson Isidro, Honório Leal, Oton Gama, Rani Vera e Vani Vera.

Chegando de volta da viagem a Fazenda Briososo, Sr. Altamiro de Miranda, voluntariamente, assinou as cinco cartas, e entregou aos seus beneficiários. Mesmo de posse de sua Carta de Alforria, os cinco libertos continuariam morando na Fazenda Briososo, e trabalhando para Sr. Altamiro de Miranda.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 01/06/2026.



A Morte de Dona Amélia

Depois do nascimento do filho de Rani e Sr. Altamiro, a vida na Fazenda Briosso, voltava a normalidade, com apenas um detalhe, a saúde de Dona Amélia piorava a cada dia, pressionada por Sr. Altamiro, acabou confessando, que depois que sua fala voltou, parou de tomar os comprimidos. Mesmo contra sua vontade, Sr. Altamiro a levou até o médico, Dr. Antonio, e ouviu dele que Dona Amélia foi muito imprudente, quando deliberou parar de tomar o remédio, os danos causados eram em tese irreversíveis, aumentando

as possibilidades de sofrer um AVC futuramente. Receitou outros remédios adicionais, na tentativa de recuperar o prejuízo, com o compromisso de não interromper o tratamento. Voltaram para casa, Rani ficou encarregada de ministrar pessoalmente a medicação, no horário e na dosagem recomendada. O organismo de Dona Amélia, respondeu bem ao tratamento, apesar da depressão continuar. Sr. Altamiro achou por bem, manter Dona Rosana como mucama, Rani se dedicaria aos cuidados do filho e de Dona Amélia.

Em uma manhã de dezembro, daquele mesmo ano, Rani estanhou que Dona Amélia não apareceu para tomar o café e seu medicamento. Foi até seu quarto, a chamou ela não respondeu, tocou em seu corpo, continuou imóvel, Rani saiu correndo do quarto, pressentindo que havia algo errado, chamou Sr. Altamiro e foram verificar, ao tomar seu pulso percebeu que não havia pulsação, não fazia muito tempo, Dona Amélia estava ainda quente, mas tinha acabado de falecer.

Imediatamente Sr. Altamiro pegou sua charrete, acompanhado do filho, foram até a Vila, buscar

o médico e comunicar aos pais de Dona Amélia, o ocorrido. Como também despachar um mensageiro para avisar Coronel Gastão e Dona Florinda, na fazenda. Dr. Antonio disse que alugaria uma charrete, e iria até a Fazenda Bioso. Sr. Altamiro aproveitou para levar com ele, Sr. Eusébio e Dona Narcisa. Quando Sr. Altamiro chegou de volta a Fazenda Bioso, Dr. Antonio já havia examinado o corpo sem vida de Dona Amélia, e feito o relatório justificando a causa da morte, segundo ele um fato previsível, que viera se confirmar.

Basicamente o relatório esclarecia: “Dona Amélia fora vítima de um AVC (Acidente Vascular Cerebral) fulminante, provavelmente enquanto dormia, segundo suas observações e conclusões, o rompimento de uma artéria do cérebro, no ponto onde ocorreu o aneurisma, provocou o derramamento de sangue sobre a massa craniana, a falência de circulação sanguínea, paralisou as atividades cerebrais imediatamente, ocasionando concomitantemente as paradas respiratória e cardíaca, levando-a ao óbito subitamente, ela nada deve ter sentido”.

Dr. Antonio fez constar em seu relatório: “A paciente depois de sofrer um aneurisma cerebral, no início desse ano, esteve internada para tratamento, até o quadro ser estabilizado, ao receber alta, estava temporariamente privada da capacidade de falar, com uso contínuo de medicamentos, a fala foi sendo restabelecida gradativamente, de conformidade com as previsões médicas, no tempo previsto. Depois da recuperação total da fala, a paciente por deliberação própria, interrompeu o tratamento com os comprimidos, pelo período de quase seis meses, contrariando sistematicamente as recomendações de Dr. Humberto, desencadeando uma série de complicações de natureza neurológicas, com acentuadas crises depressivas, conforme fomos informados. Quando procurou ajuda médica, no mês de outubro, seu quadro era crítico, fora feito uma reavaliação, na tentativa de recuperar os danos causados pela interrupção do tratamento, reiniciado o tratamento com algumas alterações nos medicamentos, segundo Dona Rani, ela vinha apresentando alguma melhora, mas infelizmente culminou em um derrame cerebral letal, indicativo

de não ter respondido satisfatoriamente à nossa tentativa.”

Dr. Antonio sintetizou muito bem, os acontecimentos em seu relatório, a morte prematura de Dona Amélia, que contava com apenas trinta e quatro anos de idade, deixando o marido e seus três filhos. Para todos os efeitos, poucas pessoas tinham conhecimento do drama familiar, vivido por ela e o marido, principalmente depois que se mudaram para a Fazenda Bioso. Como disse Sr. Altamiro, era conveniente que as pessoas não soubessem.

O velório simples de Dona Amélia, foi realizado ali mesmo na Fazenda, estando presentes de seus familiares, os pais, e as famílias de seus três irmãos. Da família Miranda, apenas os pais de Sr. Altamiro, algumas famílias de vizinhos próximos, e todos os moradores da Fazenda Bioso. O sepultamento foi realizado ao anoitecer, em um pequeno cemitério, localizado em uma fazenda vizinha. Dona Amélia não esperou para ver, o cafezal plantado, produzir os primeiros frutos. Quando ela disse para Dona Avelina, se pudesse voltar no tempo, talvez não mais se casaria. Ouviu da professora, que não

deveria pensar assim. Seu casamento não fora um fracasso, como julgava, pelo contrário, ela partiria, mas deixava no mundo, três filhos que dariam continuidade a vida.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 02/06/2026.

O Direito de Ser Livre

A pesar de nos últimos tempos Dona Amélia, quase não participar das atividades da casa, sua ausência tinha deixado um enorme vazio. As crianças perguntavam, para onde tinham levado a mãe, Sr. Altamiro inventava histórias para convence-las, logo estavam todos chorando. Dona Avelina com mais habilidade, usando sua didática, de professora tentava entreter com argumentos mais apropriados, o resultado era sempre o mesmo. Se os adultos têm dificuldade para entender a morte,

imaginam uma criança, que de repente fica sabendo que a mãe morreu, e não mais voltará.

Assim como Dona Florinda disse a Rani, que não deveria mais pensar como uma mucama, e sim como mãe do filho de Sr. Altamiro, e sua mulher. Ele disse a ela o mesmo, e acrescentou: — Agora Rani, pense que essa casa também é sua, e meus filhos também são seus, seja mãe para eles, para que vejam em você, a mãe que perderam.

Rani pensou, e respondeu: — É isso o que mais quero, vou fazer tudo que puder, como estão crescendo, não vai ser fácil, mas se me ajudar, vamos conseguir. Sua mãe, Dona Florinda, disse que vai me ajudar, no que precisar, Deus está colocando em minhas mãos grande oportunidade e responsabilidade, farei tudo para ser digna delas.

E o tempo foi passando rapidamente. Todos estão lembrados que com a doença de Dona Amélia, Coronel Gastão tornou-se credor do filho, atrapalhando seu projeto de plantar duzentos mil pés de café. Até o início do ano de 1876, Sr. Altamiro tinha conseguido plantar na Fazenda Briosso, cem mil pés de café. Enquanto as lavouras de café da região

prometiam para esse ano, excelentes colheitas. Apesar do cafezal da Fazenda Bioso, ser ainda jovem, era considerado um dos mais promissores, por ter sido muito bem cuidado, desde o plantio até aquele momento. somente alguns pés de sua lavoura, produziram alguns poucos frutos esparsos.

A algum tempo Anastácio o filho mais velho de Sr. Altamiro, que tinha agora quatorze anos, vinha manifestando o desejo de estudar, ainda não sabia exatamente o que pretendia, mas de uma coisa estava certo, não queria ser fazendeiro como o pai e o avô. No final do mês de janeiro de 1876, Sr. Altamiro foi leva-lo até a Capital, o matricularia em uma boa escola pública, e o deixaria na casa de sua tia Ana Clara, como haviam previamente combinado, para que continuasse seus estudos.

Não que Sr. Altamiro fosse um abolicionista declarado, como recebeu de presente dos pais, os três escravos carpinteiros, e as duas escravas mucamas, e reconhecia o quanto essas pessoas o tinham ajudado, ao longo de quase quatro anos, que estavam morando na Fazenda Bioso, decidiu voluntariamente alforriá-los. Aproveitou sua ida a Capital, foi

até um tabelião, registrou o filho dele com Rani, o qual já haviam decididos, que se chamaria Getúlio Renan de Miranda, e pediu ao mesmo oficial, que redigisse as cinco Cartas de Alforrias, concedendo liberdade definitiva a todos. Não comentou nada a esse respeito com os irmãos, Dr. Custódio e Ana Clara, depois de fazer tudo que necessitava, despediu do filho e dos parentes, tomou o trem, e voltou para casa.

Assim que chegou de volta a Fazenda Bioso, pediu aos três escravos que já os identificamos, para que viessem até sua casa. Ele juntamente com os cinco, se reuniram na cozinha de sua casa, sem que soubessem do que se tratava, disse a todos:

— Aproveitei a viagem que fiz até São Paulo, para fazer algo, que já havia decidido a algum tempo. Como vocês sabem, chegaram até mim pelas mãos de meus pais, portanto não paguei para tê-los comigo. Hoje fazem parte de minha família, considero Rani minha esposa, mãe de meu filho, Vani minha cunhada, Oton seu marido, meu con-cunhado. Jakson e Honório são pessoas que muito me ajudaram, não os considero meus escravos, mas

meus companheiros. A maneira que encontrei para retribuir, tudo de bom que fizeram por mim nesse período, foi dar a cada um de vocês o direito de serem livres. Mandeí que um tabelião, redigisse essas cinco Cartas de Alforrias, que já foram por mim assinadas, para que de hoje em diante sejam pessoas livres, donos de vossas vidas. Gostaria que continuassem morando aqui, trabalhando comigo, mas terão a liberdade de continuarem comigo, caso quiserem ou não.

Sr. Altamiro entregou a cada um sua Carta de Alforria, escritas em papel especial, com letras bem desenhadas e legíveis. Todos receberam sua carta, e ficaram olhando para o papel, sem entender o que aquilo significava. Rani perguntou, quase chorando: — O Senhor está nos mandando ir embora daqui?

— Não minha querida, estou apenas dizendo, que de hoje em diante são pessoas livres, assim como eu, como todas as pessoas brancas que vocês conhecem. Que comecem pensar como pessoas livres, donos de suas vidas, que não são mais propriedades de ninguém, não são mais obrigados a nada.

Sr. Jakson, o mais velho de todos, que deveria ter, pouco mais de quarenta anos, perguntou: — O que o patrão acha, que devo fazer com minha liberdade?

— Em primeiro lugar, aquilo que desejar. Se quiser continuar trabalhando aqui, de hoje em diante receberá pelo seu trabalho, o dia que resolver ir embora, poderá ir trabalhar para outro patrão, que pagará pelo que fizer, é assim que fazem e vivem os homens livres. Por exemplo: Dona Avelina é professora de minhas filhas, ganha para ensina-las. Se decidir ensinar outras crianças, não posso obrigar que fique, ela é dona de suas vontades.

Vani perguntou: — Eu sou vossa mucama, vou receber pelo meu trabalho?

— Vai receber, assim como o feitor Messias, a professora Avelina, Jakson, Honório, e o Oton. Rani não terá salário, assim como eu e nossos filhos, isso por que somos os patrões.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 03/06/2026.

Mais um Presente Paterno

Nenhum dos quatros libertos, desejaram se mudar, continuariam trabalhando para Sr. Altamiro, e passariam receber pelos seus trabalhos. Rani relutou, mas acabou sendo convencida, pelo seu Senhor, que depois da morte de Dona Amélia, ela passou ser a dona da casa, com todos os deveres e direitos de uma esposa. Que era exatamente o que estava acontecendo desde então. Mas em sua cabeça continuava sendo apenas a escrava mucama, que dormia na cama do patrão. Talvez agora depois de conquistar sua li-

berdade, deixaria de pensar que era uma mucama, e sim, a esposa de Sr. Altamiro.

Faz-se oportuno informar que no ano anterior, Dona Florinda fora buscada em sua casa, duas vezes pelo filho Sr. Altamiro, para prestar seus serviços como parteira. A primeira vez para socorrer novamente Rani, que desta vez ganhou uma linda menina. Passados dois meses, para socorrer Vani, que para alegria do casal, ganhara um lindo menino.

Com o advento da primeira colheita de café no ano seguinte, depois de vender parte de sua produção, a primeira coisa que fez, foi procurar o pai em sua casa, para pagar sua dívida, e resgatar o documento que havia assinado. Quando Dona Florinda o viu chegando, se perguntou: “Quem será que vou socorrer agora?”.

Assim que chegou abraçou a mãe, pediu sua benção, ela perguntou por Rani, Vani e as crianças. Disse a mãe, que todos estavam muito bem, que dessa vez tinha vindo para falar com o pai. Logo apareceu Coronel Gastão. O filho o abraçou, pediu sua benção, depois disse: — Preciso tratar de um assunto com o Senhor.

— Vamos sentar lá na sala.

Foram os dois até a sala, Coronel fechou a porta, sentaram em cadeiras, Sr. Altamiro disse: — Vim até aqui, para dizer que vendi parte do café que colhemos, quero pagar o que devo ao Senhor.

— Não sei do que está falando, a mim você não deve nada.

— Devo sim meu pai, até assinei um documento dessa dívida. Lembra quando Amélia ficou doente, que esteve internada em Ribeirão Preto, lá no hospital, disse ao Senhor, que precisaria recorrer aos agiotas, para pagar meus compromissos? O Senhor me disse que não seria necessário, me emprestaria o valor. Depois foi até lá em casa com mamãe, e levou-me o dinheiro?

— Agora estou lembrado, aquele papel que você assinou, eu rasguei no outro dia, quando cheguei em casa, e considere aquela dívida quitada.

— Não Senhor, eu quero pagar o que devo.

— Como vai me pagar, se estou dizendo que não me deve nada.

— Se o Senhor prefere que seja assim, não vamos brigar por isso.

— Então vamos voltar lá pra cozinha, o almoço deve estar quase pronto.

E pensar que em muitas noites, Sr. Altamiro perdeu o sono preocupado com essa dívida. Que deixou de dar continuidade ao seu projeto, de plantar mais algumas dezenas de milheiros de pés de café, para não se endividar mais. Porque seu pai exigiu que assinasse aquele papel como garantia? Porque não disse que seria mais um presente seu?

Talvez Coronel Gastão tivesse boas razões para agir assim. Quem sabe um dia ainda lhe daria algumas explicações. Mas essa postura era muita própria de seu pai, tinha conhecimento, que no passado, havia perdoado diversas dívidas, de pessoas humildes e honestas, que pediam dinheiro emprestado, principalmente quando acontecia algum imprevisto, e na data do vencimento, vinham lhe pagar, ele simplesmente lhe devolvia o documento, e dizia: “Você não me deve nada”. Não queremos deixar com isso, a impressão que Coronel Gastão fosse uma pessoa caridosa, considerando que tratava muito bem seus escravos, direito ao extremo em seus negócios, bom para com todos, principalmente aos filhos, ponde-

rado no falar, inimigo de contendas. Poderíamos considera-lo um homem bom, que gostava das coisas corretas. Assim também era Dona Florinda, pessoa simples e humilde, muito prestativa, como ninguém é perfeito, não sabia guardar segredos, muitas vezes falava o que não devia.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 03/06/2026.



Epílogo

Quando dissemos no início de nossos relatos, que o relacionamento entre Sr. Altamiro e a jovem mucama Rani, não se tratava de uma simples aventura amorosa, onde o Senhor de escravos, aproveita de sua posição de proprietário, considerando-se superior, submete sua escrava a seus caprichos e vontades, como se fosse algo desfrutável, não respeitando sua integridade, e violando sua dignidade de mulher. Tínhamos em mente desmistificar, que nem toda relação dessa natureza, constitui um abuso do superior sobre

o inferior. Em nenhum momento Sr. Altamiro fez uso da força ou violência para obter o que desejava. Em verdade era uma pessoa muito infeliz em seu casamento, devido sua esposa não corresponder às suas necessidades de homem. Não pelo fato de ela não o amar, mas devido uma disfunção orgânica, que a tornara frígida e refratária às necessidades genésicas.

Sr. Altamiro não recorreu a mulheres vulgares e promíscuas, para saciar suas necessidades de homem, conviveu com essa situação por muito tempo, esperou que aparecesse em sua vida, uma pessoa decente, que o aceitasse e o desejasse, e fosse digna de sua pessoa. Descobriu com o passar dos meses, que a pessoa que procurava e idealizava, estava dentro de sua casa, e fora trazida pela sua própria esposa, para ser sua mucama. Não obstante Rani ser uma escrava, era muito bonita, trabalhadeira e honesta.

Quando Sr. Altamiro propôs a ela ser sua mulher, tinha a melhor das intenções, já a conhecia e gostava dela, por saber que tinha as qualidades que procurava. Rani aceitou a proposta de seu Senhor, porque gostava dele, por tratar bem a ela, a irmã, e

a todos seus escravos, era um homem decente, respeitoso e verdadeiro. E sabia que era infeliz em seu casamento com Dona Amélia.

Nossa intenção principal, seria deixar transparecer, que quando existe sinceridade e amor verdadeiro entre duas pessoas, as diferenças não se justificam e desaparecem, Sr. Altamiro não enxergava Rani como uma negra, escrava ou mucama, para ele Rani era a mulher que idealizava e desejava para si, ser a companheira de todas as horas, a que-ria para fazê-lo feliz. Rani por sua vez não o aceitou, pelo fato dele ser seu Senhor, ser rico, ou qualquer outra coisa. Mas por ter enxergado nele, a pessoa que poderia amar e confiar, por ser verdadeiro, inconscientemente já o amava e desejava, sabia que poderia ser feliz e fazê-lo também feliz.

Não obstante os dois não terem se casado, a vida conjugal deles sempre transcorreu na mais perfeita harmonia e felicidade. Depois com a morte da esposa, Sr. Altamiro pode dar a Rani, toda dignidade que ela merecia. A fez entender que não era mais uma escrava e mucama, e sim sua esposa, mãe de seus filhos. Suas duas filhas, Anita e Suelen ago-

ra com treze e onze anos, não só encontraram em Rani, a mãe que haviam perdido, como a amiga que as orientassem em suas dúvidas de adolescentes.

Sr. Altamiro através do diálogo, aos poucos foi a convencendo, que deveria se portar como a dona da casa, que aquele espaço pertencia a ela, e a competia administrar com autoridade à sua maneira, enquanto ele se encarregaria das demais atividades da fazenda.

Rani aos vinte cinco anos teria seu terceiro filho, sendo o sexto de Sr. Altamiro de Miranda, que já se encontrava muito bem realizado com a família, e estabilizado financeiramente, sem contar que em um futuro não muito distante, ele e seus dois irmãos herdariam, uma das maiores fazenda de café da região. Coronel Gastão de Miranda e Dona Florinda, davam sinais que estavam cansados, pressentiam que o tempo deles estava expirando.

No final da década dos anos setenta, Sr. Altamiro havia conseguido atingir seu objetivo, com a ajuda de seus escravos, haviam plantado mais de duzentos mil pés de café, sendo que metade já estavam em franca produção. Nenhum de seus alforriados

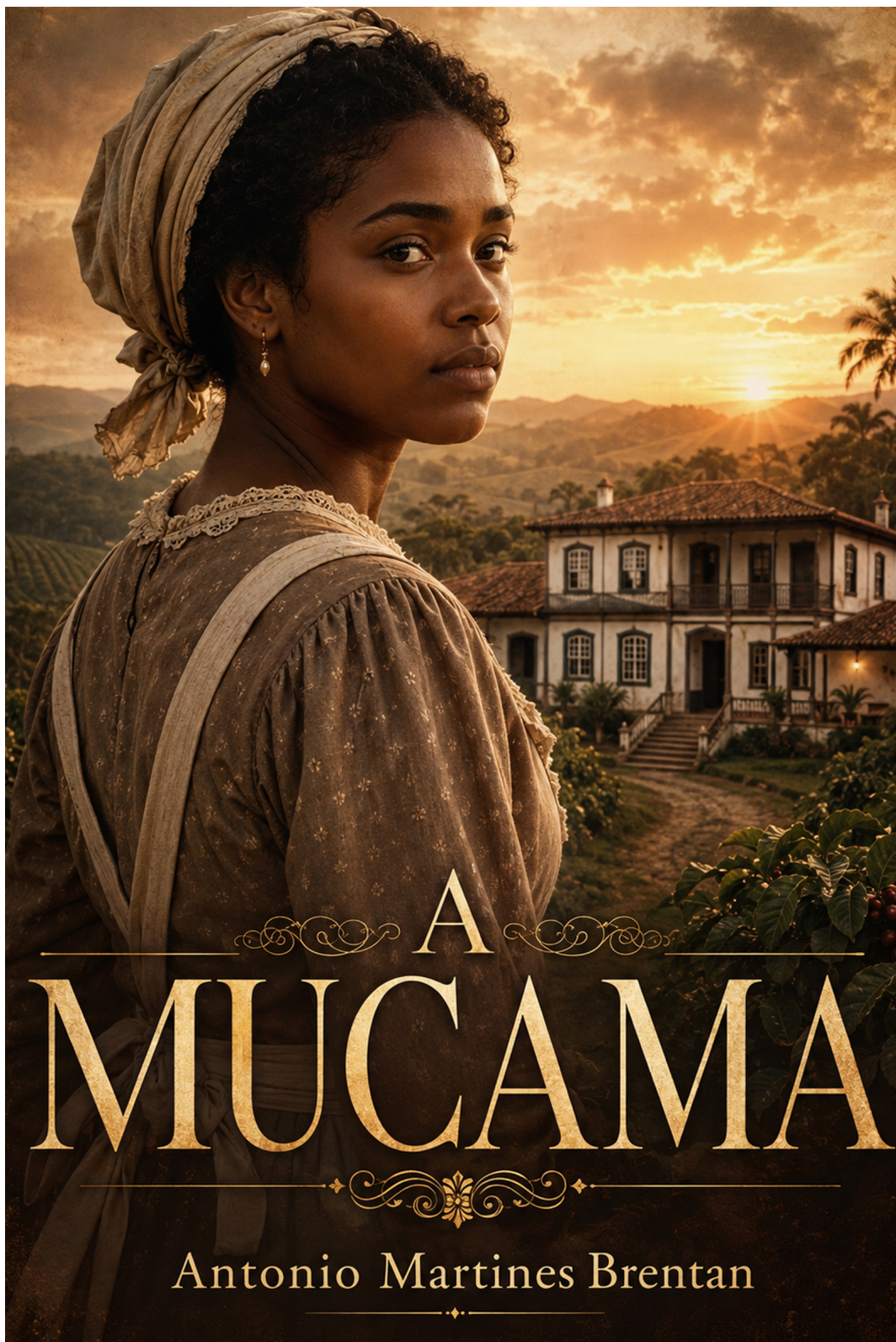
havia deixado a Fazenda Brioso, que se transformara em uma das mais bem estruturadas da região.

Com o fim da escravidão nos Estados Unidos da América, na década de sessenta, os rumores abolicionistas se espalhavam por todo continente americano, como movimento generalizado irreversível, prevendo que a escravidão no Brasil, estava em contagem regressiva para seu término, depois de construírem uma enorme tulha, para armazenar sua produção, com ajuda de Jakson, Honório e Oton, construíram uma pequena colônia com dez casas de madeira, para abrigar os futuros trabalhadores, que certamente não seriam seus escravos.

Fim







A
MUCAMA

Antonio Martines Brentan